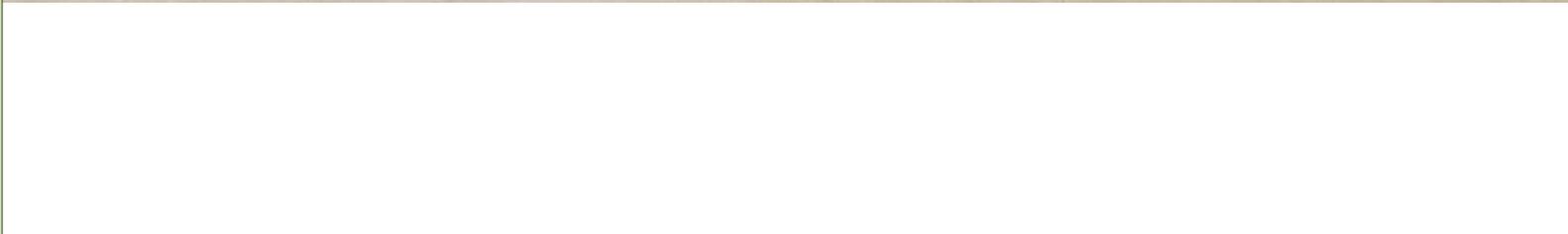
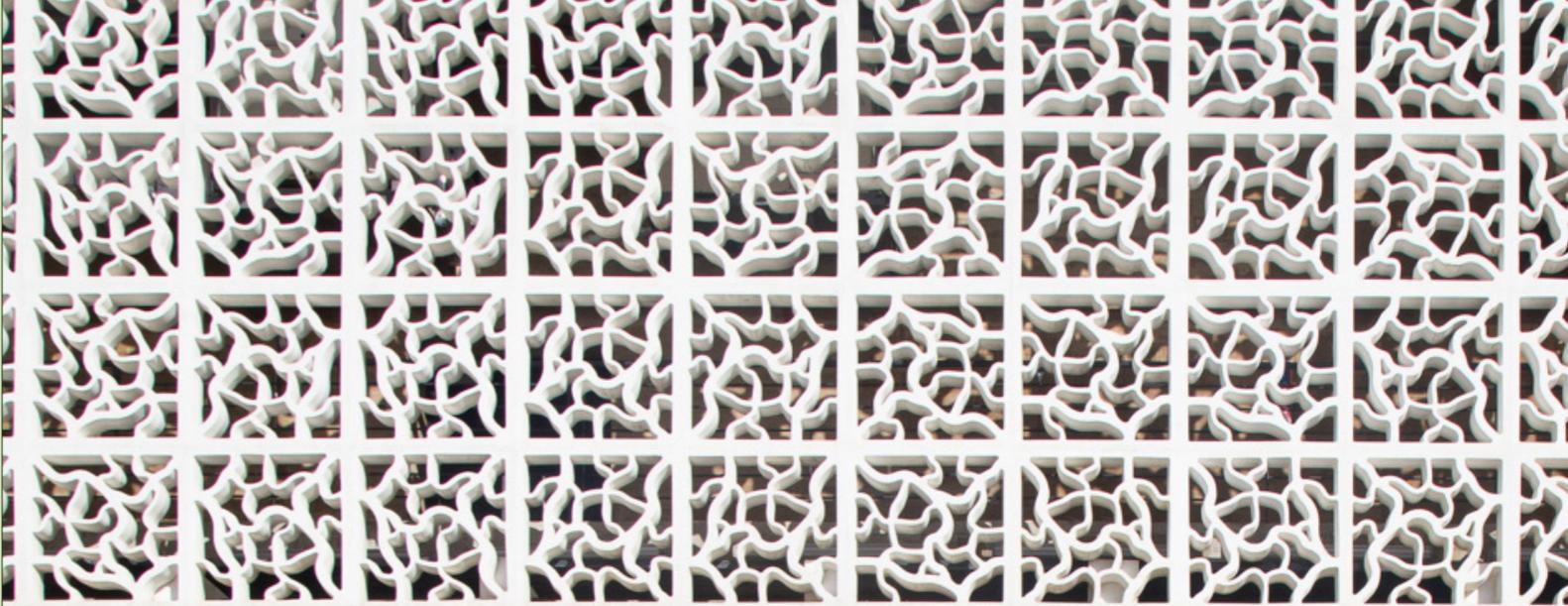




QUAND *
A
VIDA
É UMA
EUF * ORIA
P * R
J * ANA
LIRA

CURADORIA
MAMÉ SHIMABUKURO

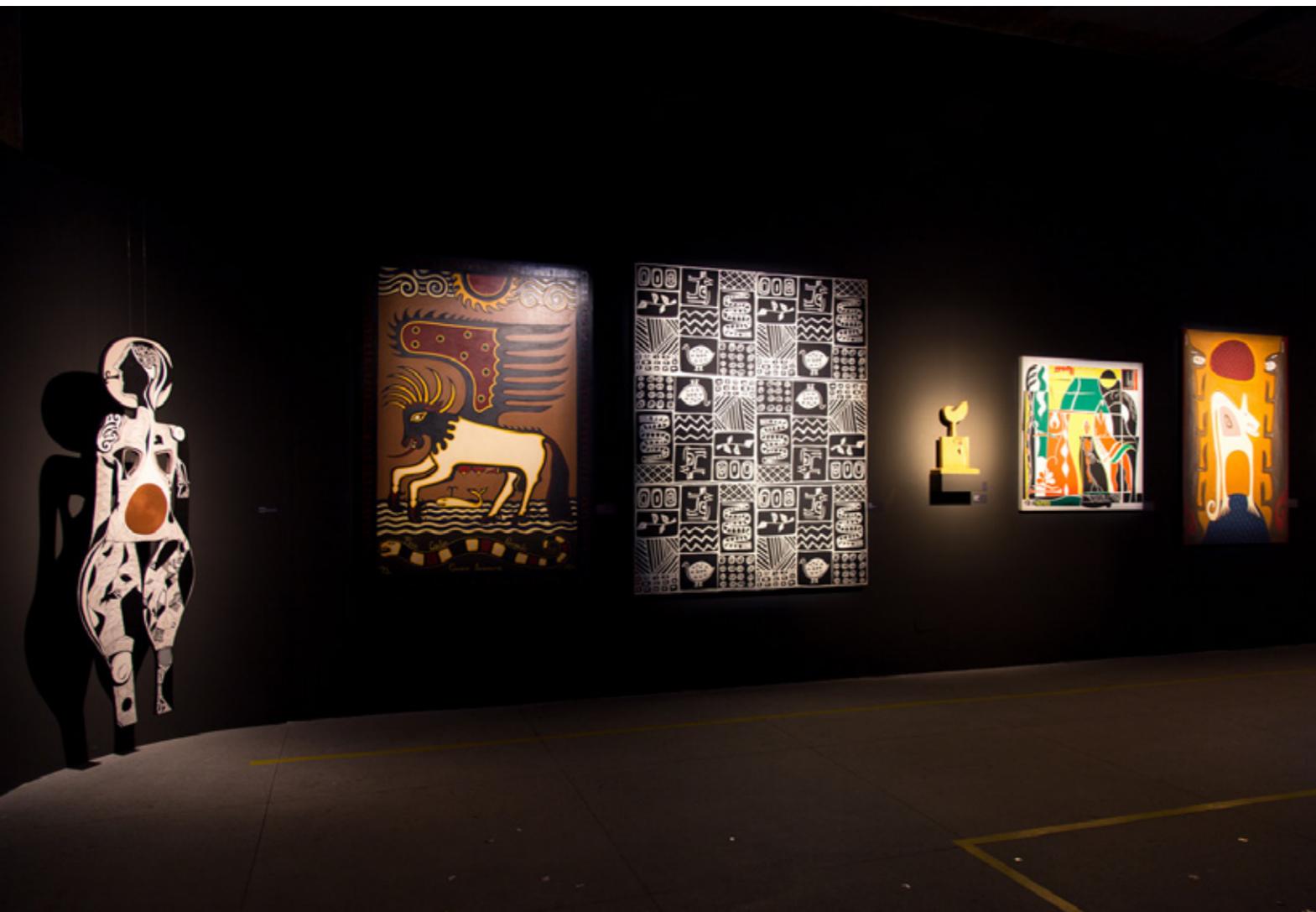


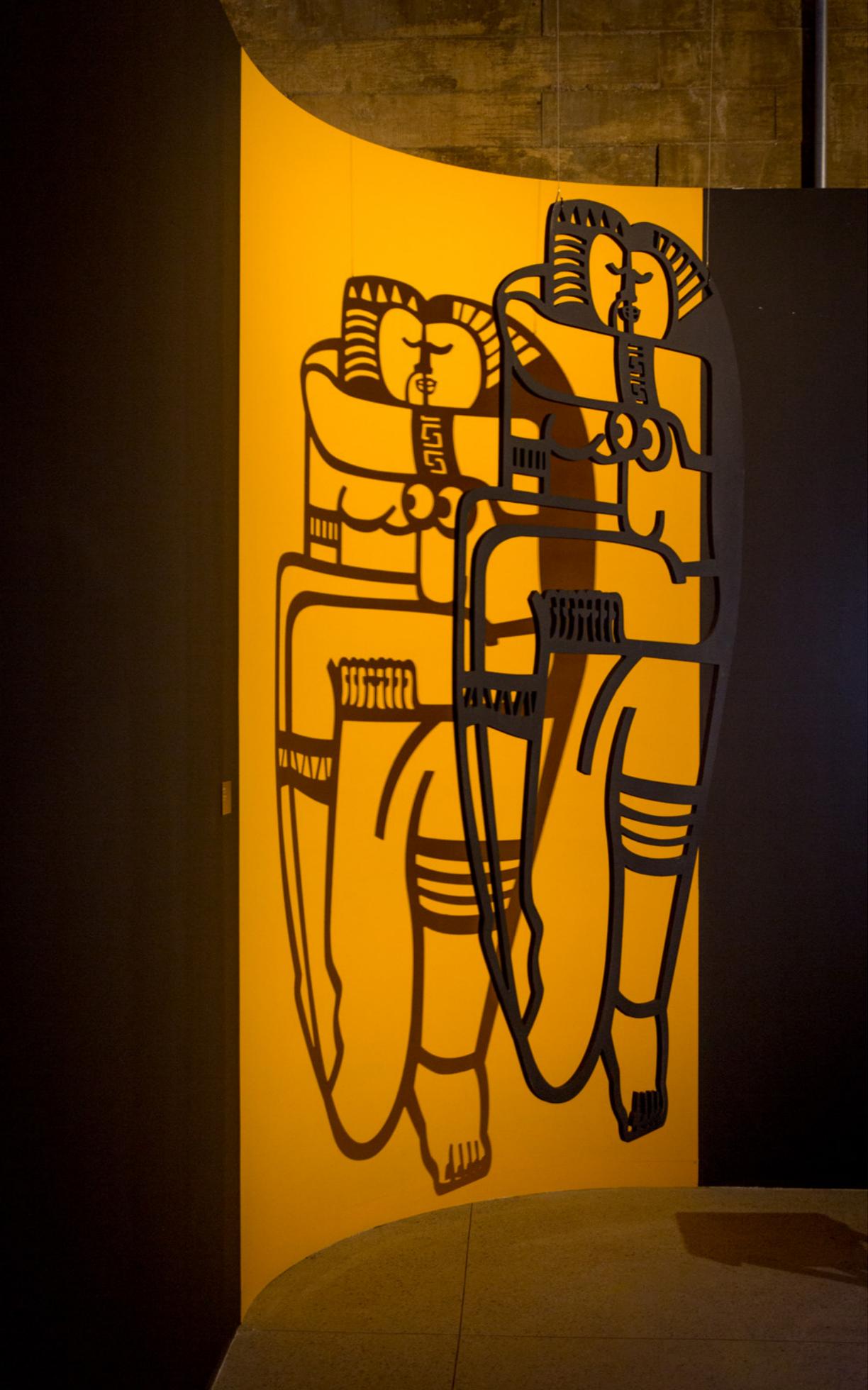




















QUAND *
A
VIDA
É UMA
EUF * RIA
P * R
J * ANA LIRA

CURADORIA
MAMÉ SHIMABUKURO



São Paulo, Instituto Tomie Ohtake,
23 de janeiro a 4 de março de 2018
January 23 through March 4, 2018

Recife, Centro Cultural Cais do Sertão,
15 de janeiro a 17 de março de 2019
January 15 through March 17, 2019

QUAND *
A
VIDA
É UMA
EUF * ORIA
P * R
J * ANA
LIRA

CURADORIA
MAMÉ SHIMABUKURO



APOIO INSTITUCIONAL
INSTITUTIONAL SUPPORT



APOIO SUPPORT



PATROCÍNIO SPONSORS



COPATROCÍNIO CO-SPONSORS



REALIZAÇÃO PRESENTED BY



And long live the Carnival of Pernambuco!
Created by its heroic and canny people,
who spare no effort and do so with joy,
working from coast to hinterland.
But it is here, at Cais do Sertão,
that one feels the thrill.
Not to live in sorrow,
make peace with yourself,
whether by night or day,
let yourself go,
when life is euphoria!

TOINHO MENDES

A Carnival celebration that brings together groups and associations spread around the most diverse areas of our state, stirring up its inhabitants from the Archipelago of Fernando de Noronha to the opposite end, in the region of Poçoão do Afrânio. And who has never counted down the days to Carnival? On those days, people of the most diverse beliefs and cultures gather in cultural manifestations to the sound of *frevo*, *maracatu*, *boi*, *samba*, *afoxé*; these rhythms blend with so many others, typical or not of the period, but all with African, Portuguese, and indigenous roots.

This miscegenated, blended, effervescent, vibrant Carnival, which unites people from various cultural backgrounds, must be—somehow—seen, contained, understood.

With all that in mind, the graphic artist Joana Lira created, for ten successive years, the scenic design of Recife's Carnival, the visual world that echoes in the exhibition *When Life Is Euphoria*. Her creations teem with playful elements that translate and convey the colors and shapes of Pernambuco's Carnival.

The Centro Cultural Cais do Sertão welcomes the colors, flavors, shapes, and textures of this exhibition. As a huge beacon, we aggregate these values and concepts to create and tell a story of rhythms and desires. Stories of revelers, whether from Pernambuco or not, from the coast and the hinterland, that lend meaning to our traditions.

CENTRO CULTURAL CAIS DO SERTÃO

E viva o Carnaval de Pernambuco!
Criado por seu povo heroico e astuto,
que não mede esforços e faz com alegria,
e trabalha do litoral até o alto sertão.
Mas é aqui, no Cais do Sertão,
que a gente se contagia.
Para não viver de lamento,
busque seu entendimento,
seja de noite ou de dia,
extravase seu sentimento,
quando a vida é uma euforia!

TOINHO MENDES

Um Carnaval que traz agregados e agremiações espalhados pelos lugares mais diversos do nosso estado, contagiando desde o Arquipélago de Fernando de Noronha até a outra extremidade, nas terras de Poçoão de Afrânio. E quem nunca fez contagem regressiva para saber quantos dias faltam para a folia?

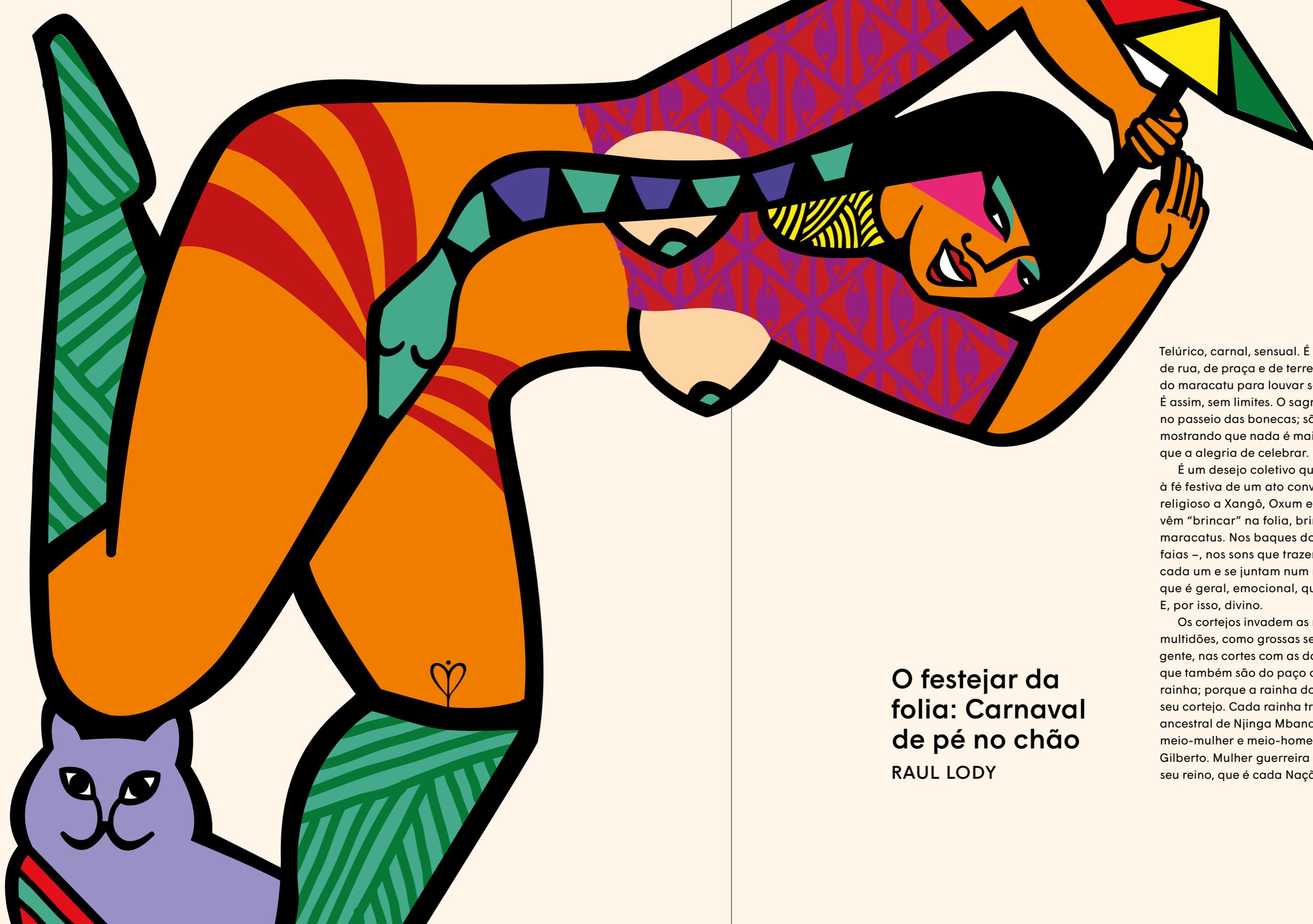
Nesses dias, pessoas dos mais diversos credos e culturas juntam-se a manifestações culturais ao som do frevo, do maracatu, dos bois, do samba, do afoxé; esses ritmos se misturam a tantos outros, típicos ou não do período, mas todos com raízes africanas, portuguesas, indígenas.

Esse Carnaval miscigenado, misturado, efervescente, vibrante, que reúne gente de diversos universos culturais, precisa ser – de alguma maneira – visto, contido, compreendido.

É pensando nisso tudo que a artista gráfica Joana Lira cria por dez anos, para a cenografia do Carnaval de Recife, o universo visual que ecoa na exposição *Quando a vida é uma euforia*. Suas criações são cheias de elementos lúdicos que traduzem e comunicam as cores e formas do Carnaval de Pernambuco.

O Centro Cultural Cais do Sertão dá boas-vindas às cores, sabores, formas e texturas dessa exposição. Por sermos um enorme farol, agregamos esses valores e conceitos na intenção de criar e contar uma história de ritmos e de desejos. Histórias dos foliões, pernambucanos ou não, do litoral e do sertão, que dão sentido às nossas tradições.

CENTRO CULTURAL CAIS DO SERTÃO



Telúrico, carnal, sensual. É o Carnaval de rua, de praça e de terreiro, que vem do maracatu para louvar seus orixás. É assim, sem limites. O sagrado se realiza no passeio das bonecas; são as calungas mostrando que nada é mais sagrado do que a alegria de celebrar.

É um desejo coletivo que se mistura à fé festiva de um ato convicto de culto religioso a Xangô, Oxum e Iansã, que vêm “brincar” na folia, brincar nos seus maracatus. Nos baques dos bombos – faias –, nos sons que trazem as Áfricas de cada um e se juntam num ritmo devorador que é geral, emocional, quase sexual. E, por isso, divino.

Os cortejos invadem as ruas com suas multidões, como grossas serpentes de gente, nas cortes com as damas do passo, que também são do paço do rei e da rainha; porque a rainha domina, governa seu cortejo. Cada rainha traz a memória ancestral de Njinga Mbande, de Angola, meio-mulher e meio-homem, como falava Gilberto. Mulher guerreira que comanda seu reino, que é cada Nação de cada

O festejar da folia: Carnaval de pé no chão

RAUL LODY

THE CELEBRATION OF REVELRY: GRASS-ROOTS CARNIVAL RAUL LODY

Telluric, carnal, sensual. Such is Carnival celebrated in streets, squares, and candomblé yards, praising the orishas to the beat of *maracatu*. There are no restraints. The sacred is manifested in the parading *calungas*, the giant puppets, confirming that there is nothing more sacred than the joy of celebrating.

It is a collective desire that blends with the festive faith of a confident act of religious worship to the divinities Shango, Oshun, and Oya, who come to join in the revelry, in its *maracatus*. To the rhythm of the giant drums—*faias*—to the sounds that evoke individual Africas and merge in an overwhelming beat that is general, emotional, almost sexual. And, therefore, divine.

The corteges overrun the streets with their multitudes, like thick serpents of people, in the retinues with the ladies of the court,* which are also of the domain of the king and the queen; because the queen is in command, she rules over her cortege. Each queen brings the ancestral memory of the Angolan queen Njinga Mbande, half-woman and half-man, as Gilberto Freyre would teach us. A female warrior who commands her kingdom, which is each nation of each particular cortege, each *maracatu de baque-virado*.

If the queen arrives from the coast, the African coast, from the “land” come the *caboclos* who display, in the many courts of the sugarcane plantations, the

rural *maracatu*; this is the “*sambada*,” that mingles with the *cavalo-marinho*, and thus all becomes celebration, faith, and revelry.

In these corteges of the heirs to the crafts of making sugar, the freedom of each dancing body is an instrument of telluric rhythms in praise of their ancestors, who remain in the woods, in the rivers, as the actual owners of the land. Feathers, headdresses, bows, and arrows; senses of a life that longs for herbs and water, the wisdom of Jurema.

And in this blend of daily revelry, of fanfare sounds with sounds that burst out from the energy of the frenzied *frevo* dancing among the *vuco-vuco*, the *rafameia*, the *mundiça*,** the throng. It’s the gathering in the heat of the breath of seduction, of the partying body, that brings out the sweat of each emotion, my Carnival!!!!!!!

Everything fantasizes the reality that is exposed in the farce of anything goes, on this ground that takes in the noise, the cries of revelers.

In this experience of color, sound, and feeling lie the gaze and design of Joana Lira.

* In the Portuguese, there is a play on the words *passo* (step) and *paço* (palace) here, implying that the female dancers are like ladies in the court at a palace.—Trans.

** Regional expressions from Pernambuco that allude to the atmosphere of a multitude squeezed together, dancing and sweating.

cortejo em particular, cada maracatu de baque-virado.

Se a rainha chega da Costa, a costa africana, da “terra” chegam os caboclos que se mostram, nas muitas cortes dos canaviais, com o maracatu rural; isto é a “sambada”, que se mistura com o cavalo-marinho, e assim tudo vira festa, fé e folia.

Nestes cortejos dos herdeiros dos ofícios de fazer açúcar, a liberdade das danças de cada corpo é um instrumento dos ritmos telúricos para louvar seus ancestrais, que permanecem nas matas, nos rios, como os verdadeiros donos da terra. Penas, cocares, arcos e flechas; sentidos da vida que quer folha e água, sabedorias da Jurema.

E nessa mistura nossa da folia de cada dia, dos sons das fanfarras com os sons que explodem na energia do ferver, do ferver, no vuco-vuco, na rafameia e na mundiça, na massa. Então é o encontro no calor do bafo da sedução, da festa que é corpo, que faz suar cada emoção, meu Carnava!!!!!!!

Tudo fantasia a realidade que se expõe na farsa do tudo pode, neste chão que aceita o som, o grito do folião.

Nessa experiência de cor, de som e de emoção, estão o olhar e o desenho de Joana Lira. Antes de tudo foliã, porque é preciso viver a festa para entender a festa. Festa antropofágica, que devora o som, a cor e a forma das roupas que identificam o tempo de Momo. Um rei dominador, um rei amigo de Baco, de Apolo, de Eros, todos eles presentes no desejo de fazer do corpo um elo do tudo pode, porque assim manda o rei, assim manda Momo.

Para a artista, esta explosão de ritmos, de cores, de cheiros e de humores dá a melhor tradução para seus desenhos, expressões de tantos mundos que se misturam nas ruas e nos diálogos dos incógnitos. O pirata encontra a odalisca e a máscara mais dramática beija a boca vermelha marcada de batom, ou ainda com a cara untada com muito talco; na brancura da fantasia, ganha-se um tipo de permissão para igualar, em transgressão, esta grande amiga, a festa.

Cenários sociais onde Joana Lira caminha e mostra suas maneiras de fazer arte visual; por muitos carnavais, foi sua parceira das ruas, das praças, dos palcos, fazendo o Recife ser mais Carnaval e os foliões se integrarem nos desenhos, nas alegorias que vestem a cidade.

Encharcada de folia, a artista dá a cada traço forma e cor; conjuntos pictóricos que desenharam esta cidade-sereia, o Recife, uma cidade do Carnaval, do melhor Carnaval do mundo!!!

Porque o Carnaval é o tema do Recife o ano todo; um sentimento que expõe o calor e a energia da festa numa emoção coletiva da brincadeira mais profunda, mais sensível.

E assim, “tomei umas e outras e caí no passo”, porque sou “madeira que cupim não róí”. Este Carnaval é poesia pura e, com certeza, comove Joana Lira no seu emocionado depoimento de arte, para mostrar os muitos rostos do Recife na sua festa mais plural, humana e diversa.

Evoé!

RAUL LODY
é antropólogo e folião.

First and foremost a reveler, since one must experience the celebration to understand it. An anthropophagic festival that devours the sound, the color, and the shape of the clothes that identify the days of Momus. A domineering king, a friend of Bacchus, of Apollo, of Eros, all of them present in the desire to make the body a link of the anything goes, for thus rules the king, thus rules Momus.

For the artist, this explosion of rhythms, colors, smells, and moods provides the best translation for her drawings, expressions of such numerous worlds that blend in the streets and in dialogues of the incognitos. The pirate meets the odalisque and the most striking mask kisses the red mouth smeared with lipstick or the face smothered in talcum; the costume's whiteness grants a kind of permission to match the transgression of this great friend, the celebration.

Social settings through which Lira roams and shows her ways of making visual art; for many carnivals, it was her partner in the streets, the squares, the stages, deeming Recife more carnivalesque and the revelers become part of the drawings, the decorations dressing the city.

Soaked in the revelry, the artist lends shape and color to each stroke; pictorial ensembles that draw this mermaid-city, Recife, a city of Carnival, of the best Carnival in the world!!!

Because Carnival is Recife's year-round motif; a feeling that discloses the festival's heat and energy in a collective passion of the deepest, most sensitive revelry.

And so "I had a drink or two and joined the dancing" because I am "wood that termites will not eat." This Carnival is pure poetry and most certainly moves Lira in her sensitive testimony of art to show the many faces of Recife in its most multiple, human, and diverse celebration.

Evoé!

RAUL LODY

is an anthropologist and Carnival reveler.





Dez carnavais

CARLOS AUGUSTO LIRA

Janeiro de 2001. Uma nova gestão se inicia à frente da prefeitura da cidade de Recife, e o então secretário de Cultura, João Roberto do Nascimento, o Peixe, nos convida para fazer o projeto cenográfico do Carnaval. Ficamos surpresos e honrados com o convite. Pedimos um tempo para analisar e vimos as dificuldades tamanhas que teríamos pela frente. Em um primeiro momento, recuamos. Ele ponderou que o desafio estava lançado e que o escritório deveria acatar. O Carnaval estava na porta.

Reunimos nossa equipe para analisar as áreas a serem trabalhadas. O projeto contemplaria os bairros de Recife, São José e Santo Antônio – áreas, como todos sabem, tombadas como patrimônio histórico. Concluímos que o Carnaval não seria apenas uma decoração, e sim uma intervenção urbana em um sítio histórico.

Em qualquer cidade, uma intervenção urbana tem suas implicações e correlações. Com o Recife não seria diferente: pontes, vias primárias e secundárias, monumentos, igrejas, espaços expositivos museológicos, órgãos municipais e estaduais e belos casarios foram os pontos singulares que tivemos que considerar e respeitar, observando suas peculiaridades.

Outra preocupação era com os passantes: o sítio histórico concentra um grande número de bancos, escritórios

TEN CARNIVALS

CARLOS AUGUSTO LIRA

January 2001. A new administration takes office in the city of Recife, and the then Culture Secretary, João Roberto do Nascimento, aka Peixe, invites us to design the scenography for the Carnival celebrations. Surprised and honored by the invitation, we asked him for some time to analyze the proposal and realized the great difficulties lying before us. At first we declined, but he argued that such a challenge could not go unanswered and we had to take it up. Carnival was at the door.

We got our team together to analyze the areas where we would assemble the sets. These comprised the neighborhoods of Recife, São José, and Santo Antônio, all of which are listed as historic heritage sites. We concluded that the Carnival design would consist not of mere decoration, but an urban intervention in a historic district.

In any city, an urban intervention has its implications and correlations. Recife would be no different: Bridges, primary and secondary streets, monuments, churches, museum venues, municipal and state office buildings, and beautiful row houses were the singular points that we had to consider and respect, noting their peculiarities.

A further concern was with the passers-by: The historic district concentrates a large number of banks, offices, and stores, which makes it a bustling area. Our design had to allow for this reality and its implications, such as the difficulties in assembling the huge sets.



e comércio, o que faz dele uma área de intenso fluxo. Tivemos que pensar a proposta cenográfica em função desta realidade e de suas implicações – como, por exemplo, as dificuldades na hora da montagem das peças gigantes.

A cenografia precisaria ter uma escala compatível com logradouros, prédios e monumentos. Concluímos que os elementos propostos teriam de estar a uma altura coerente com a escala humana. Então liguei para Joana e a convidei para ser a designer gráfica do projeto. Aleguei que ela teria o desafio de vestir uma cidade, privilégio que nem Picasso ou Brenand tiveram.

Ela já morava em São Paulo e partiu para o Recife para batalhar conosco. A cenografia foi montada com muitas dificuldades. Não havia tempo nem verba. Usamos muito material reciclado, e o Carnaval foi para as ruas.

Após a desmontagem, fizemos uma autocrítica, olhando os pontos positivos e negativos. O Carnaval Multicultural do Recife foi tomando corpo e os bons resultados foram se sucedendo. O empenho e a participação de João Roberto do Nascimento e do arquiteto Eduardo Lira e equipe foram fundamentais para o amadurecimento das propostas que vieram a seguir.

Com o tempo, o folião e a imprensa passaram a exigir mais, e o desafio nos motivou a novos voos. Nelson Ferreira, Capiba, Dona Santa e outros tantos personagens da cultura pernambucana logo foram homenageados pela cenografia. As pontes, as vias principais e o Galo foram pontos do Recife que o projeto passou a contemplar, com muita criatividade, nessa intervenção carnavalesca.

The scale of the design had to be compatible with public places, buildings, and monuments. We concluded that the height of the proposed sets should be above the human scale. So I called Joana and invited her to be the project's graphic designer. I argued that she would have the challenge of dressing a city, a privilege not even Picasso or Brennand had enjoyed.

She was already living in São Paulo at the time and came to Recife to work with us. The sets were assembled with great difficulty. There was neither time nor money. We used a lot of recycled material and Carnival took to the streets.

When it was over, self-criticism helped us evaluate the positive and negative points. Recife's Multicultural Carnival started taking shape yielding a sequence of good results. The commitment and involvement of João Roberto do Nascimento and the architect Eduardo Lira and staff were vital to the development of future proposals.

Over time, the revelers and the press became more demanding and the challenge motivated us to aim for new heights. Nelson Ferreira, Capiba, Dona Santa, and many other figures from Pernambuco culture were soon honored by the scenography. With great creativity, the design started including landmarks

of Recife such as the bridges, the main streets, and the Dawn Rooster puppet in its Carnival intervention.

A significant turning point was the suggestion to honor someone whose work could afford the scenic design greater visibility. The writer Ariano Suassuna was chosen. Joana strongly identifies with the author's world, and the outcome was, evidently, nothing short of dazzling. After Carnival, the design sets were sold at a charity auction sponsored by the city government.

Cícero Dias, Vicente do Rego Monteiro, and Lula Cardoso Ayres would also be honored, as well as Abelardo da Hora, whose work was affectionately outfitted by Joana for Carnival. Tereza Costa Rêgo was up next: Together with Joana, we delved into her oeuvre as an inspiration to create the city's Carnival. All of Rêgo's characters took to the streets: her women, cats, snakes, and lizards. Both the honored author and the revelers gave the result a standing ovation. That year topped off Joana Lira's cycle of ten great Carnivals.

CARLOS AUGUSTO LIRA
is an architect and art collector.

Um divisor de águas importante foi quando sugerimos homenagear alguém com uma obra que pudesse dar visibilidade maior à cenografia. Ariano Suassuna foi o escolhido. Joana tem uma identidade muito forte com o universo do autor, e o resultado não poderia ter sido diferente: deslumbrante! Após o Carnaval, as peças da cenografia foram vendidas em um leilão beneficente promovido pela prefeitura.

Cícero Dias, Vicente do Rego Monteiro e Lula Cardoso Ayres também seriam homenageados, assim como Abelardo da Hora, que teve sua obra carinhosamente vestida por Joana para o Carnaval. Então

foi a vez de Tereza Costa Rêgo: junto com Joana, fizemos um mergulho em seu trabalho para criar um Carnaval inspirado nela. Todos os personagens de Tereza foram para as ruas: suas mulheres, gatos, cobras e lagartos. Homenageada e foliões aplaudiram o resultado de pé. Naquele ano, encerrava-se, com chave de ouro, o ciclo dos dez grandes carnavais de Joana Lira.

CARLOS AUGUSTO LIRA
é arquiteto e colecionador de arte.







Quando a vida é uma euforia

MAMÉ SHIMABUKURO

O Carnaval do Recife é uma festa tradicionalmente democrática, que mescla culturas africanas, indígenas e europeias. Para participar, basta colocar os pés na rua. A cidade estará minuciosamente preparada para despertar em cada um de milhões de foliões experiências sensoriais tão diversas que os cinco sentidos se expandirão em múltiplos para tentar absorver tanta energia e euforia.

Nos quatro dias de festa, gente de todas as classes sociais divide harmoniosamente o espaço urbano. Veem-se apresentações e desfiles de manifestações culturais fortes, coloridas, brilhantes, distintas. A música e a dança do Carnaval do Recife são coisa só sua; originais, criaram-se no meio do povo, espontaneamente, e cristalizaram-se depois, como traço marcante da fisionomia da cidade.

Estão no ar, no som que vem de longe ou de perto. Estão nos palcos, nos clubes, nas casas, nas varandas. Sobretudo nas ruas. O maracatu, considerado a mais africana das manifestações carnavalescas, ecoa nos tambores por toda a cidade, lembrando os cultos afro-brasileiros. O frevo está nos pés e nos ouvidos de toda a gente; os caboclinhos, em suas danças e

WHEN LIFE IS EUPHORIA MAMÉ SHIMABUKURO

Carnival in Recife is a traditionally democratic festival blending African, indigenous, and European cultures. To join in, one just has to take to the streets. The city will be meticulously prepared to stir in each one of the millions of revelers such diverse sensory experiences that the five senses will expand manifoldly, trying to absorb all the energy and euphoria.

Over the four days of celebration, people from all social brackets harmoniously share the urban space. Performances and parades of strong, colorful, bright, and distinct cultural manifestations are seen. The music and dance of Recife's Carnival are one of a kind; unique, they spontaneously sprang up from among the people and later crystallized as a striking feature of the city's physiognomy.

They are in the air, in the sound that comes from afar or near. They are on the stages, in the clubs, in the homes, on the balconies. Above all, they are in the streets. The *maracatu*, deemed the most African of Carnival manifestations, echoes in the drums throughout the city, evoking Afro-Brazilian cults. The *frevô* is on everyone's feet and ears; the *caboclinhos*, in their dances and rhythms. Cultural expressions blend in sonorities and dance steps.

The transcendence of this Carnival stems from the ethnic groups; it is intrinsic to the sacred within the celebration, in which the profane also has its place of resistance.

Emotion and reason organize a celebratory social transgression, creating the template for another world, distinct from the one we live in. In these four days, everything is horizontalized in the equality of values proposed in public spaces. The ritual enhances social relationships and brings cultures closer together in a different way of sensing the world.

Freedom is experienced collectively. It is based on the perception and sense of a free time that specifies no more than the basic needs of being, of living, of following one's own path. Being free relates to the production and reproduction of action and time. Thus, Carnival creates a suspension of time: one remains in the present, in the here and now of one's experience, and the journey becomes unconscious. To live it is to experience a kind of free will of motion; one feels like a nomad, in an evolution of the trance, of the rite of passage structured in the synthesis of Brazilian cultures. A celebration with no hierarchy of social class, race, or age.

Excitement and great joy govern this Carnival. During this untracked time frame, affection and territoriality traverse unconscious paths of permission, produced by magic, by the breakdown of rational logic. Dressing up is about freedom of choice, being whatever one wishes to be. Creating one's character to celebrate is also feeling and playing the sounds of the

ritmos. Expressões culturais se mesclam em sonoridades e passos.

A transcendência deste Carnaval vem dos grupos étnicos, é intrínseca ao sagrado da festa, em que o profano tem também seu lugar de resistência. Emoção e razão organizam uma transgressão social festiva, criam o molde de um mundo diferente daquele em que vivemos. Nestes quatro dias, tudo se horizontaliza na igualdade de valores proposta nas vias públicas. O ritual estreita as relações sociais e aproxima culturas em um sentir diferente do mundo.

A liberdade é vivenciada no coletivo. Pauta-se na experiência e na sensação de um tempo livre, que explicita apenas as necessidades básicas de estar, de viver, de percorrer, cada um, o seu caminho. Ser livre se relaciona à produção e à reprodução da ação e do tempo. Assim, o Carnaval gera uma suspensão do tempo: fica-se no hoje, no agora da experiência vivida, e o percurso se torna inconsciente. Vivê-lo é experimentar um certo livre-arbitrio do andar; é sentir-se nômade, como em uma evolução do transe, do rito de passagem estruturado na síntese das culturas brasileiras. Uma festa sem hierarquia social, racial ou etária.

Emoção e muita alegria regem este Carnaval. Nesse tempo sem ponteiros, afeto e territorialidade atravessam percursos inconscientes de permissão, produzidos pela magia, pelo romper da lógica racional. O fantasiar-se é construído na liberdade de escolha, de sermos o que quisermos. Caracterizar-se para brincar também é sentir e tocar os sons dos tambores, o sopro dos metais, as fitas penduradas que figuram esse ritual como forma de transcendência humana.

DO MICRO AO MACRO

Em 2001, Recife recebe uma nova estética para o seu Carnaval de rua, conectada à liberdade de criar e de brincar com a fantasia. A equipe interdisciplinar do escritório de arquitetura de Carlos Augusto Lira é chamada para dar novos significados à cenografia da festa, uma grande intervenção urbana ligada às suas manifestações culturais. Por dez anos, até 2011, a artista pernambucana Joana Lira cria a programação visual do projeto. Ao deixar de ser foliã para ajudar a fazer o Carnaval, ela passa do micro ao macro, desenhando um plano gráfico para a cidade e estabelecendo novas formas de interação entre foliões e a rua. A exposição *Quando a vida é uma euforia*, que ocupou parte do Instituto Tomie Ohtake, em São Paulo, em 2018, e chega ao Centro Cultural Cais do Sertão em 2019, é uma síntese possível desses dez anos.

A cenografia carnavalesca produzida nesse período não busca apenas vestir a cidade, mas envolver o folião, convidando-o a sentir o mundo de magia e irreverência da festa. Para isso, expõe a cultura do Carnaval pernambucano, com sentido de pertencimento, pelo espelho do olhar da artista. A partir de 2006, as cenografias tomam como partido visual a obra e a vida de artistas homenageados. Partindo da ideia da livre interpretação, Joana Lira insere em sua linguagem gráfica novos traços, expressões, cores e detalhes; assim, tem o prazer de criar sua própria leitura das obras de Ariano Suassuna, Lula Cardoso Ayres, Abelardo da Hora, Cícero Dias, Vicente do Rego Monteiro e Tereza Costa Rêgo.

A ideia de que a arte visual urbana pode favorecer a criação de novas

drums, the blare of the brass sections, the fluttering ribbons that portray this ritual as a form of human transcendence.

FROM MICRO TO MACRO

In 2001, Recife received a new look for its street Carnival, linked to the freedom to create and toy with fantasy. The interdisciplinary team of Carlos Augusto Lira's architecture firm was summoned to lend new meanings to the celebration's scenography, a tremendous urban intervention related to its cultural manifestations. Over ten years, up to 2011, the Pernambuco artist Joana Lira created the project's visual design. By leaving the Carnival celebrations to help produce it, she goes from micro to macro, creating a graphic design for the city and establishing new forms of interaction between revelers and the street. The exhibition *When Life Is Euphoria*, held at the Instituto Tomie Ohtake in São Paulo in 2018 and at Centro Cultural Cais do Sertão in 2019, is a possible synthesis of those ten years.

The scenography produced for Carnival over this period aims not only to dress the city, but also to involve the revelers, inviting them to feel the celebration's world of magic and irreverence. To this end, it discloses the culture of Pernambuco's Carnival, with a sense of belonging, through the mirror of the artist's gaze. As of 2006, the sets were based on the work and life of honored artists. Starting out from the idea of free interpretation, Lira inserts in her graphic language new traits, expressions, colors, and details; thus, she enjoys the pleasure of creating her own reading of the works of Ariano Suassuna, Lula Cardoso Ayres, Abelardo da Hora, Cícero Dias, Vicente do Rego Monteiro, and Tereza Costa Rêgo.



relações entre sujeito e cidade – possibilitando vivências estéticas transformadoras e promovendo a sensibilização do olhar – também está no cerne desse trabalho. A cenografia carnavalesca faz da linguagem gráfica estrutura, marco, história; uma nova forma de intervenção no espaço público, uma nova identidade visual para a festa. Entre todos os processos de trabalho envolvidos, a criação e a aplicação cenográfica do desenho são centrais. “Este projeto mudou minha relação com o desenho”, diz Joana Lira. “Só com ele pude entender como são infinitos os limites que um traço pode alcançar.”

ESTADO DE CARNAVAL

Todo ano desfilam pelas ruas planas do Recife, e pelas ladeiras da cidade alta de Olinda, centenas de agremiações carnavalescas e tipos populares, que mantêm vivas as raízes genuínas da festa mais popular do Brasil. Clubes de frevo, blocos, maracatus, caboclinhos, afoxés, bandos de ursos e papangus, bonecos gigantes, música contemporânea, samba e boi traduzem a mistura de tradições de brancos, negros e índios. O ritmo reflete a efervescência das multidões nas ruas e está intrinsecamente ligado à sua herança histórica e cultural. É um Carnaval marcado pelo multiculturalismo, que dialoga com imagens e identidades brasileiras nas cores, músicas, vestes, danças e personagens que transformam a espiritualidade em folia.

Morando parte de sua vida em Recife e em Olinda, Joana Lira vivenciou o Carnaval pernambucano intensamente; esse sentimento estrutura seu trabalho até hoje. Quando começou a pensar a

The idea that urban visual art can foster the creation of new relationships between subject and city—enabling transformative aesthetic experiences and promoting a more sensitive gaze—is also at the heart of this work. The Carnival scenography transforms graphic language into structure, landmark, history; a new form of intervention in the public space, a new visual identity for the celebration. Among all the work processes involved, the creation and materialization of the drawings are essential. “This project has changed my relationship with drawing,” says Lira. “Only through it was I able to understand how infinite the limits a line can reach are.”

STATE OF CARNIVAL

Every year, hundreds of Carnival associations and popular groups parade through the level streets of Recife and the slopes of Olinda’s historic center, keeping alive the authentic roots of the most popular festival in Brazil. *Frevo* clubs, street parties, *maracatus*, *caboclinhos*, *afoxés*, bands of bears and *papangus*, giant puppets, contemporary music, samba, and *boi-bumbá* translate the mixture of traditions of whites, blacks, and indigenous peoples. The rhythm reflects the vivacity of the crowds in the streets and is intrinsically linked to its historical and cultural heritage. It is a Carnival marked by multiculturalism, which dialogues with Brazilian images and identities in the colors, music, costumes, dances, and characters that transform spirituality into revelry.

Having lived part of her life in Recife and Olinda, Lira experienced Pernambuco’s Carnival intensely, an impression that structures her work to this day. When she began thinking about the celebration’s

scenic design, she was twenty-four years old and starting to grow professionally. The size of the project and her strong emotional link with the festivity generated a deep, intense, and overwhelming experience.

“The relationship with the city and with what I experienced with the project is embedded in my soul,” says the artist.

Drawing on her personal experience of Carnival, she incorporates the engraved memory of home and street into the graphic language of the celebration’s scenic design, scattered around the city. Her art achieves representativeness in the seduction of the lines and colors she assigns to the rhythms danced by the patterns and moved by euphoria—a state that leads to an inner well-being, creating a wonderful balance between the individual and the outside world.

By artistically expressing this sociocultural synthesis, she portrays the intense naturalness of a society regulated by symbolic relationships between the different ethnic groups of its people. She reveals through Carnival that which is specific to her culture. She places the memory of the city in direct communication with her private world, instills her drawing with her “nomadic reveler” nature, composes with colors to build new forms to represent that which already exists. She connects to the present time that which becomes universal. Dialoguing with people roaming the city during Carnival, she strikes a legitimization bargain with revelers and workers during this period of cleansing of both flesh and soul.

For the artist, being in a “state of Carnival” is being in a state of euphoria. This is the feeling through which she moves. She wanders between Olinda and Recife,

cenografia da festa, tinha 24 anos e sua vida profissional ganhava impulso. A dimensão do projeto e sua relação afetiva fortíssima com a festa geraram uma vivência profunda, intensa, avassaladora. “A relação com a cidade e com o que vivi com o projeto está cravada na minha alma”, diz a artista.

Recorrendo à própria experiência carnavalesca, ela incorpora a memória tatuada de casa e da rua à linguagem gráfica da cenografia da festa, espraiada pela capital. Sua arte alcança representatividade na sedução das linhas e cores que atribui aos ritmos dançados pelas estampas e movidos pela euforia – estado que leva a um bem-estar interior, criando um equilíbrio maravilhoso entre indivíduo e mundo exterior.

Ao fazer de sua expressão artística essa síntese sociocultural, ela retrata a intensa naturalidade de uma sociedade pautada pelas relações simbólicas entre as diferentes etnias de seu povo. Revela, no Carnaval, o que é particular de sua cultura. Coloca em comunicação direta a memória da cidade e seu universo particular, põe em seu traço sua porção “foliã nômade”, compõe com cores para construir novas formas de representar o que já existe. Conecta ao agora o que se torna universal. Dialogando com quem percorre a cidade no Carnaval, estabelece um pacto de legitimidade com foliões e trabalhadores, neste período de lavar a carne, de lavar a alma.

Estar em “estado de Carnaval” é, para a artista, estar em euforia. É neste sentimento que ela se movimenta. Passeia entre Olinda e Recife, entre os diferentes azuis dos céus, entre fora e dentro, entre as cores da alegria e o traço preto de expansão e de

limite da liberdade. As cores entram como síntese da terra e do céu. Os tons terrosos remetem ao início, aos bichos rupestres; já as tonalidades vivas expandem o espectro cromático, como a própria natureza. Com seu olhar deslocado, lançado para o Recife a partir de São Paulo, ela enxerga todas as cores vivas.

CALDEIRÃO TRANSCENDENTE

Joana Lira dialoga de forma íntima com essa liberdade de fantasiar o inconsciente e, por outro lado, o consciente de vidas vividas na realidade pernambucana. No conjunto de sua obra, imagens e personagens criam narrativas, desenham uma antropologia visual. A noção de pertencimento a sua cultura integra sua identidade. Quando uma linguagem gráfica corresponde às histórias de vida de um povo, ganha significado por si só. Torna-se uma síntese de sonoridades, traços, cores, vidas. É o próprio transe, o lusco-fusco. A representação deixa de ser somente imagem: passa a ser ícone, aproxima-nos de algum lugar aqui mesmo, em nós.

Os personagens de Joana Lira saem do suporte, desfilam, dançam, até trabalham. As expressões, em sua imagem plana, expõem os sentimentos, a interlocução entre relações de integração e desintegração. Nos desenhos e cores, a harmonia carnavalesca de classes sociais e grupos étnicos é abordada como experiência figurada do sentir. A artista brinca um típico Carnaval pernambucano também ao ressaltar o tema da mulher, que percorre toda sua obra e é o ponto central da festa, relacionada à ancestralidade das religiões africanas e à perpetuação de sua cultura.

between the different blues of the skies, between outside and inside, between the colors of joy and the black line of expansion and limit of freedom. Colors are added as a synthesis of earth and sky. The earthy hues evoke the beginning, the animals of cave art; the bright hues, in turn, expand the chromatic spectrum, like nature itself. With her displaced gaze, sweeping over Recife from São Paulo, she sees all the bright colors.

TRANSCENDENT MELTING POT

Joana Lira dialogues intimately with this freedom of fantasizing the unconscious and, on the other hand, the consciousness of lives lived out in the reality of Pernambuco. In her oeuvre as a whole, images and characters create narratives, draw a visual anthropology. The notion of belonging to her culture is part of her identity. When a graphic language corresponds to the life stories of a people, it acquires meaning in itself. It becomes a synthesis of sonorities, features, colors, lives. It is the real trance, the blurring. Representation ceases to be merely an image to become an icon, bringing us closer to a place that lies right here, inside us.

Lira's characters abandon their structures to parade, dance, even work. The expressions, in their flat image, expose the feelings, the interlocution between relationships of integration and disintegration. In the drawings and colors, the carnivalesque harmony among social classes and ethnic groups is addressed as a figurative experience of feeling. The artist also celebrates a typical Pernambuco Carnival by highlighting the theme of women, which runs through all her work and is the focal point of the celebration, related



O Carnaval de Recife é um caldeirão que transborda pertencimento e liberdade, alimentando esse trabalho. Na narrativa gráfica de Joana Lira, a profusão transcendente de cores e brilhos da festa se expressa em imagens, fantasias, humor e sexualidade, expandindo-se por formas geométricas e tons vibrantes. A artista reconhece e revive as raízes de sua cultura e deixa de presente para a cidade de Recife uma nova maneira de sair à deriva nessa época. De se perder e de se achar.

Territorialidade e escala são os fios condutores de *Quando a vida é euforia*. Levar uma intervenção urbana para o

espaço expositivo é uma forma de fantasiar a própria condição estética de uma festa popular, refletindo suas culturas e dimensões, das quais temos a experiência conforme nos deslocamos. O recorte curatorial busca ressaltar a dualidade no trabalho da artista, que se apropria ora de informações de conhecimento público, ora de autobiográficas – e, com a mesma poesia e sinceridade criativa, mescla verdades e ficções na elaboração de suas fábulas visuais.

Fugindo da cronologia, a exposição se organiza em torno de cinco núcleos temáticos, relacionando as ideias de pertencimento, fantasia, mulher, manifestação e transcendência e suas reverberações no trabalho da artista. Para criar um tom experiencial, costura situações imersivas e documentais relacionadas às histórias e personagens deste Carnaval. Busca refletir a forma como as representações gráficas dessa cultura interagem com as emoções das pessoas, sob a trama de etnias da festa – uma festa na qual culturas diversas são vozes e corpos atuantes, são resistência e confluem na intenção única de viver em euforia, no êxtase de brincar.

MAMÉ SHIMABUKURO

é curadora e diretora artística da exposição *Quando a vida é euforia*.

to the ancestry of African religions and the perpetuation of their culture.

Recife's Carnival is a melting pot that overflows with belonging and freedom, fueling this work. In Joana Lira's graphic narrative, the transcendent profusion of the celebration's colors and glows is expressed in images, fantasy, humor, and sexuality, expanding through geometric forms and vibrant hues. Lira acknowledges and revives the roots of her culture and leaves behind, as a gift to Recife, a new way of drifting at this time of the year. Of getting lost and finding oneself.

Territoriality and scale are the guiding threads of *When Life Is Euphoria*. Transferring an urban intervention to an exhibition venue is a way of fantasizing the very aesthetic condition of a popular festival, reflecting its cultures and dimensions, which we experience as we move around. The curatorial selection aims to emphasize the duality in the artist's work, which draws alternately on publicly known

information and autobiographical material, and, with the same poetry and creative sincerity, blends truth and fiction in the elaboration of her visual fables.

Evading chronology, the exhibition is organized around five core themes relating the ideas of belonging, fantasy, woman, manifestation, and transcendence and their echoes in the artist's work. To create an experiential atmosphere, it weaves immersive and documentary situations related to the stories and characters of this Carnival. It aims to reflect how the graphic representations of this culture interact with people's emotions underneath the ethnic fabric of the festival—a celebration in which diverse cultures are active voices and bodies, resistance, and converge in the sole intention of living in euphoria, in the ecstasy of revelry.

MAMÉ SHIMABUKURO

is the curator and artistic director of the exhibition *When Life Is Euphoria*.





PERTENCIMENTO

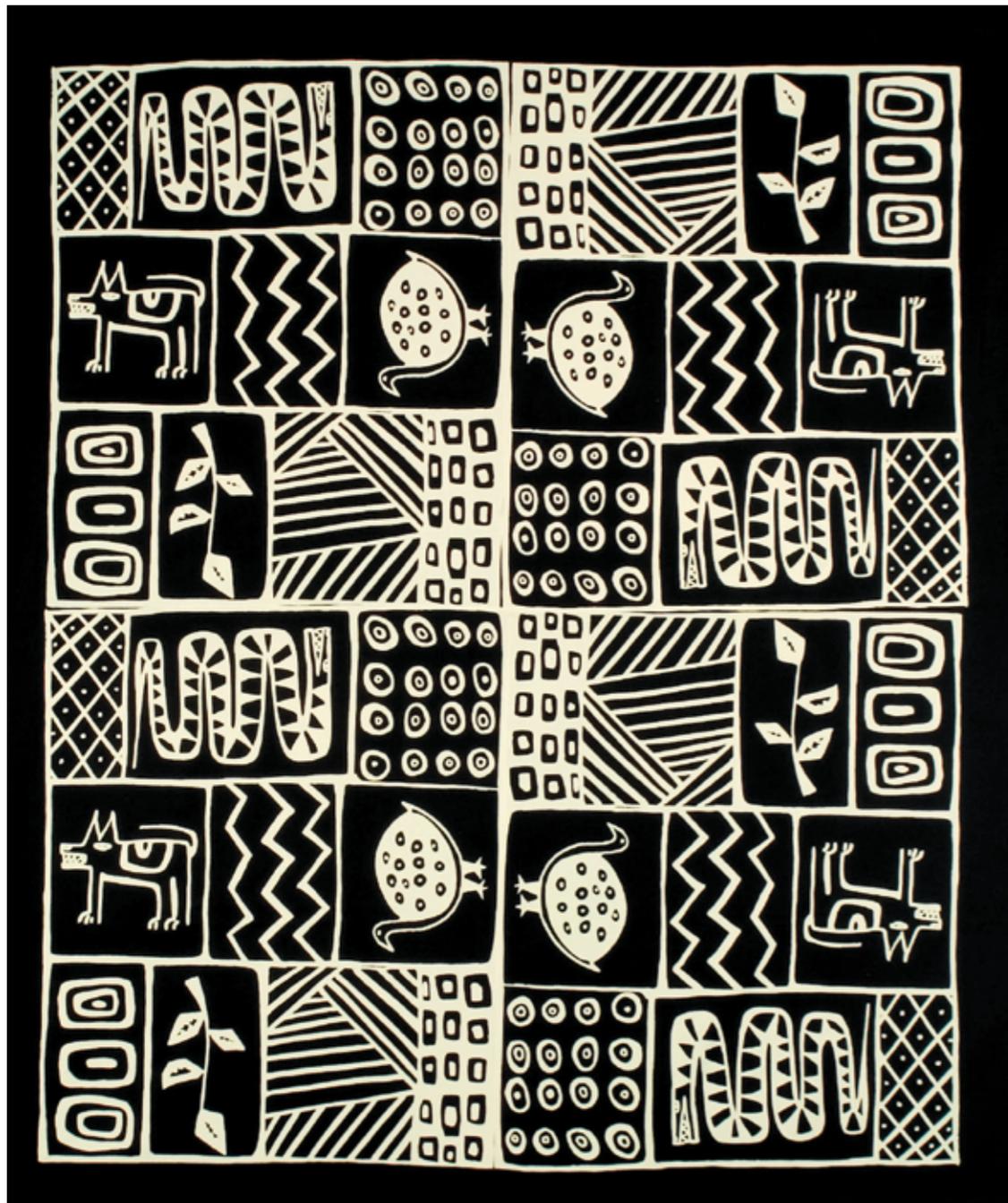
Fragmentos de memória para pisar o começo de um percurso. As estampas a mão livre da mãe, a designer têxtil Bete Paes; o olhar do pai, Carlos Augusto Lira, arquiteto e colecionador de arte moderna e popular; a obra de Petrônio Cunha, artista gráfico onipresente em Olinda; a pregação estética de Ariano Suassuna. É mergulhando no vasto repertório, sobretudo afetivo, de suas referências que Joana Lira mantém a cultura pernambucana pulsando em sua obra. Ao reconhecer nas profundezas as raízes de tantas tradições, cruza identidades e busca significados nas grafias deste universo. Dessa fonte, nasce a família de rostos que serve de identidade gráfica ao Carnaval multicultural da cidade. Neste pertencimento, brilham os matizes que extravasam nas ruas no auge da festa.

BELONGING

Fragments of memory as the first step of a journey. The hand-painted patterns of her mother, the textile designer Bete Paes; the gaze of her father, Carlos Augusto Lira, an architect and collector of modern and popular art; the work of the graphic artist Petrônio Cunha, ubiquitous in Olinda; the aesthetic preaching of Ariano Suassuna. It is by delving into the vast repertoire of her reference points, especially those of an affective nature, that Joana Lira keeps Pernambuco culture throbbing in her work. By acknowledging the deep roots of so many traditions, she draws on different identities and seeks meanings in the scripts of that world. From this source is born the family of features that make up the graphic identity of the city's multicultural Carnival. Within this belonging glow the hues that pour out into the streets at the height of the celebration.



BETE PAES
Eu acho é pouco, 1985
Acrílico sobre Eucatex
Acrylic paint on plywood
60 x 45 cm



BETE PAES
Cordel, 2002
 Serigrafia sobre tecido
 Serigraphy on fabric
 260 X 140 cm



PETRÔNIO CUNHA
Esperança, 1997
 Recorte em vinil sobre Eucatex
 Carved vinyl on plywood
 100 X 100 cm
 Acervo do artista
 Artist's collection

ARIANO SUASSUNA
Sem título | Untitled, 1986
Óleo sobre Eucatex
Oil on plywood
174 X 120 cm
Coleção Carlos Augusto Lira
Carlos Augusto Lira Collection





JOANA LIRA
Autorretrato com 12 semanas, 2005
Acrilica sobre madeira recortada
Acrylic paint on carved wood
161 x 57 cm



JOANA LIRA
Bicho rei, 1997
Acrilica sobre madeira
Acrylic paint on wood
150 x 100 cm



A reorganização do Carnaval de Recife, em 2001, descentralizou a festa, criando polos relacionados a suas diferentes vertentes. Nasceram as máscaras que dão identidade a esses focos de folia e, compondo uma mesma família visual, ajudam a integrar os diferentes polos do Carnaval no centro da cidade.

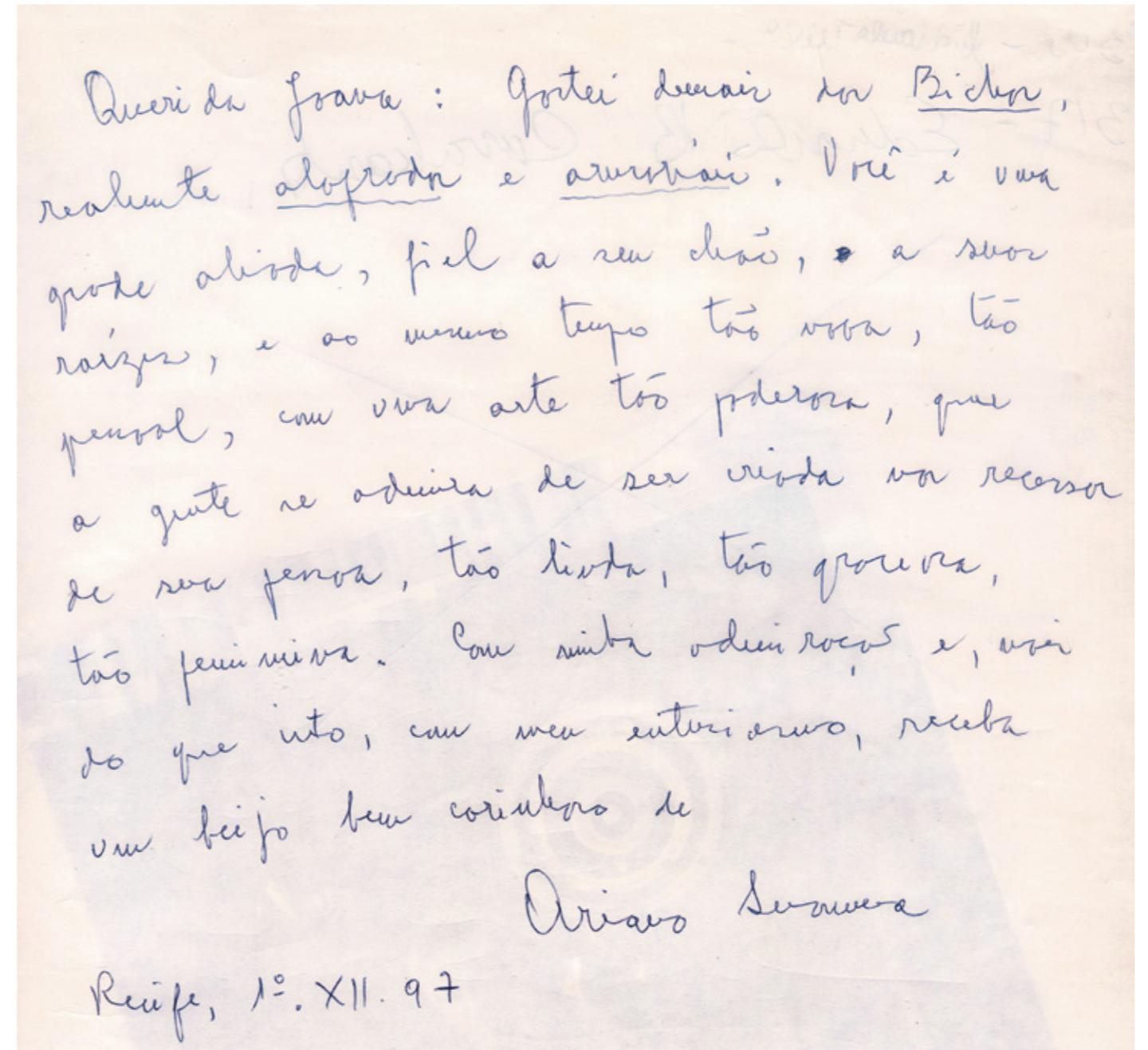
In 2001, the Carnival festivity in Recife was decentralized into hubs related to its different aspects. Thus were born the masks that give identity to these hotspots of revelry and, as part of the same visual family, help integrate the different Carnival centers in the downtown area.

"Dear Joana: I loved the *Beasts* so much, really crazy and beastly. You are a great ally, faithful to your ground, your roots, and at the same time so young, so unique, with an art so powerful that we are amazed it has been created in the nooks and crannies of one so beautiful, so lovely, so feminine. With my regards, and more than that, with my enthusiasm, accept a gentle kiss from Ariano Suassuna. Recife, Dec. 1, 1997"

A handwritten note left by Ariano Suassuna in Joana Lira's *Bichos Alopados* exhibition guest book (Recife, 1997)

"Querida Joana: gostei demais dos *Bichos*, realmente alopados e animais. Você é uma grande aliada, fiel a seu chão, a suas raízes, e ao mesmo tempo tão nova, tão pessoal, com uma arte tão poderosa, que a gente se admira de ser criada no recesso da sua pessoa, tão linda, tão graciosa, tão feminina. Com minha admiração, e mais do que isso com meu entusiasmo, receba um beijo bem carinhoso de Ariano Suassuna. Recife, 1º.XII.97"

Nota escrita a mão por Ariano Suassuna no livro de assinaturas da exposição *Bichos Alopados*, de Joana Lira (Recife, 1997)



Querida Joana: gostei demais dos Bichos, realmente alopados e animais. Você é uma grande aliada, fiel a seu chão, e a suas raízes, e ao mesmo tempo tão nova, tão pessoal, com uma arte tão poderosa, que a gente se admira de ser criada no recesso de sua pessoa, tão linda, tão graciosa, tão feminina. Com minha admiração, e mais do que isso com meu entusiasmo, receba um beijo bem carinhoso de

Ariano Suassuna

Recife, 1º.XII.97







EUFORIA

(s.f.) Do grego εὐφορία: εὐ, o bem; φορία, carregar. Algo que traz para o cotidiano uma abolição do tempo, uma centelha de eternidade. Estado daquele que transporta o bem, a alegria, o entusiasmo. A euforia tem existência exterior ao ser e não é êxtase: aquele que está extasiado foi tomado por uma realidade avassaladora que o roubou de limites.

EUPHORIA (noun) From the Greek εὐφορία: εὐ, goodness; φορία, to bear. Something that affords everyday life an obliteration of time, a spark of eternity. The state of someone who bears goodness, joy, enthusiasm. Euphoria exists outside the being and is not ecstasy: he who is ecstatic has been taken over by an overwhelming reality that has deprived him of limits.

PERTENCIMENTO

(s.m.) pertença; do latim *pertinentia*,
o que diz respeito a.

BELONGING (noun) Affinity for a place or
situation.









FANTASIA

A fantasia se constrói na liberdade de escolha, de sermos o que quisermos. Nos carnavais de Joana Lira, a fantasia é e sempre foi um processo que começa muito antes, na antecipação do personagem, na emoção de se transpor, de se emperiquitar, de virar outro, com todos os seus brilhos, cores e pertences. Quando o pernambucano brinca de ser personagem, a artista exercita o prazer e a irreverência de caracterizar-se para brincar, agora na escala do espaço urbano. Inspirada e alimentada por uma iconografia de profunda ressonância local, busca nos homenageados da festa as identidades, máscaras e cores que usa para vestir as ruas, fazendo do Recife uma cidade fantasiada.

FANTASY

Fantasy is born from the freedom to choose whatever we want to be. In Joana Lira's carnivals, fantasy is and has always been a process that begins much earlier, in the anticipation of impersonation, in the thrill of being transposed, of adorning oneself, of becoming someone else in all their glows, colors, and chattels. When Pernambuco Carnival-goers revel in playing a character, the artist exercises the pleasure and irreverence of dressing up to celebrate, now on the scale of urban space. Inspired and driven by an iconography of deep local resonance, she seeks in the work of the honored artists the identities, masks, and colors she uses to adorn the streets, costuming the city of Recife.



ARTISTAS HOMENAGEADOS 2006-2011

Sempre presente na cenografia do Carnaval Multicultural do Recife, entre 2006 e 2011 o desenho ganha centralidade no pensamento que rege o trabalho. Se os esforços iniciais de pesquisa priorizavam estruturas e materiais, nesse período as alegorias figurativas se impõem como caminho para garantir uma interação mais intensa com o público. Para alimentar um desenho que passa de coadjuvante a protagonista, o Carnaval começa a homenagear, a cada ano, a vida e a obra de um artista local de grande influência cultural, apontado pela prefeitura da cidade.

O processo de criação da linguagem dos carnavais, que toma meses e envolve anualmente arquitetos, designers, ilustradores e consultores, parte de um mergulho no universo do homenageado. As fases, escolhas estéticas ou aspectos de sua obra que mais se afinam com a cultura e o espírito do Carnaval servem de fundação aos

desenhos e peças gráficas que Joana Lira desenvolve. Partindo ora da estrutura do desenho do homenageado, ora de um recorte temporal em sua produção, ora de sua história de vida, ela associa referências e insere elementos de sua própria pesquisa com estampas, linhas e cores – interpretando e amalgamando livremente, em ideias gráficas, personagens e épocas.

HONORED ARTISTS 2006–2011

Consistently present in the scenography of Recife's Multicultural Carnival, drawing takes on a key role in the work's conception between 2006 and 2011. If the initial research efforts prioritized structures and materials, during this period the figurative sets impose themselves as a means to ensure a more intense interaction with the audience. To fuel a design that evolves from a supporting to a main role, Carnival starts paying homage each year to the life and work of a

local artist of great cultural influence, chosen by the local administration.

The process of creating the language of each Carnival, which takes months and annually involves architects, designers, illustrators, and consultants, starts with delving into the honored artist's world. The phases, aesthetic choices, or aspects of their work that are most in tune with the culture and spirit of Carnival serve as the foundation for the drawings and graphic designs developed by Joana Lira. Alternately starting out from the structure of the artists' work, a chronological selection of their production, or their life story, she associates points of reference and inserts elements from her own research with patterns, lines, and colors, freely interpreting and combining, in graphic ideas, characters and periods.



ARIANO SUASSUNA
O campo, 1987
 Aquarela sobre papel
 Watercolor on paper
 70 x 50 cm
 Acervo da família de Ariano Suassuna
 Ariano Suassuna family collection

2006

ARIANO SUASSUNA
 [1927-2014]

A escolha do primeiro homenageado pelo Carnaval Multicultural do Recife recaí quase que naturalmente sobre o ensaísta e poeta paraibano, que se tornou o mais aguerrido defensor da cultura nordestina de raízes populares. Com o Movimento Armorial, lançado em 1970, Suassuna pregava a convergência de manifestações como o cordel, o frevo e o xaxado, a xilogravura, o teatro de mamulengos e a música dos pífanos, zabumbas e rabecas em uma forma total, altamente erudita, de arte. Ligada por afinidade ao pensamento do autor, Joana Lira cria alegorias carnavalescas que reinterpretem seu universo mítico e os personagens de obras como *O auto da Compadecida*, *O romance d'a pedra do reino* e *A história do amor de Fernando e Isaura*, enquanto explora o caráter gráfico de suas iluminogravuras e a ideia de uma heráldica brasileira.

The natural choice for the first artist honored by Recife's Multicultural Carnival was the Paraíba essayist and poet, the most outspoken advocate of Brazilian northeastern popular culture. Movimento Armorial, a movement created by Suassuna in 1970, preached the convergence of manifestations such as *cordel* literature, *frevo*, and *xaxado*, woodcut, *mamulengo* puppet theater, and music played with fifes, bass drums, and fiddles into a comprehensive form of high art. Identifying with the author's thinking, Joana Lira creates Carnival sets that reinterpret his mythical world and the characters of works such as *O auto da Compadecida*, *O romance d'a pedra do reino*, and *A história do amor de Fernando e Isaura*, while drawing on the graphic features of his pictorial ornamentations and the idea of a Brazilian heraldry.











LULA CARDOSO AYRES

Projeto de decoração para o Carnaval do Clube Internacional do Recife
Interior design project for the Carnival balls at Clube Internacional do Recife, 1940

Acervo particular Lula Cardoso Ayres Filho
Lula Cardoso Ayres Filho private collection

2007

LULA CARDOSO AYRES

[1910-1987]

Na obra do pintor, fotógrafo, desenhista e cenógrafo pernambucano, que expôs em várias edições da Bienal de São Paulo, a influência da arte decô e do modernismo encontra o fascínio pelas manifestações multiétnicas da cultura popular nordestina – do bumba meu boi ao maracatu, do candomblé aos rituais indígenas –, que observa em incursões pelo interior de Pernambuco. Da produção vasta e inquieta de Lula Cardoso Ayres, Joana Lira pinça soluções gráficas marcadas pelo caráter sintético para nortear a coleção colorida e monumental de pierrôs, colombinas, maracatus e passistas que dançam na cenografia carnavalesca. Reeditadas e multiplicadas, as máscaras que o artista pintou nos anos 1940 para decorar os bailes do Clube Internacional do Recife dão um tom *vintage* à folia, fazendo dançar juntos esse e outros carnavais.

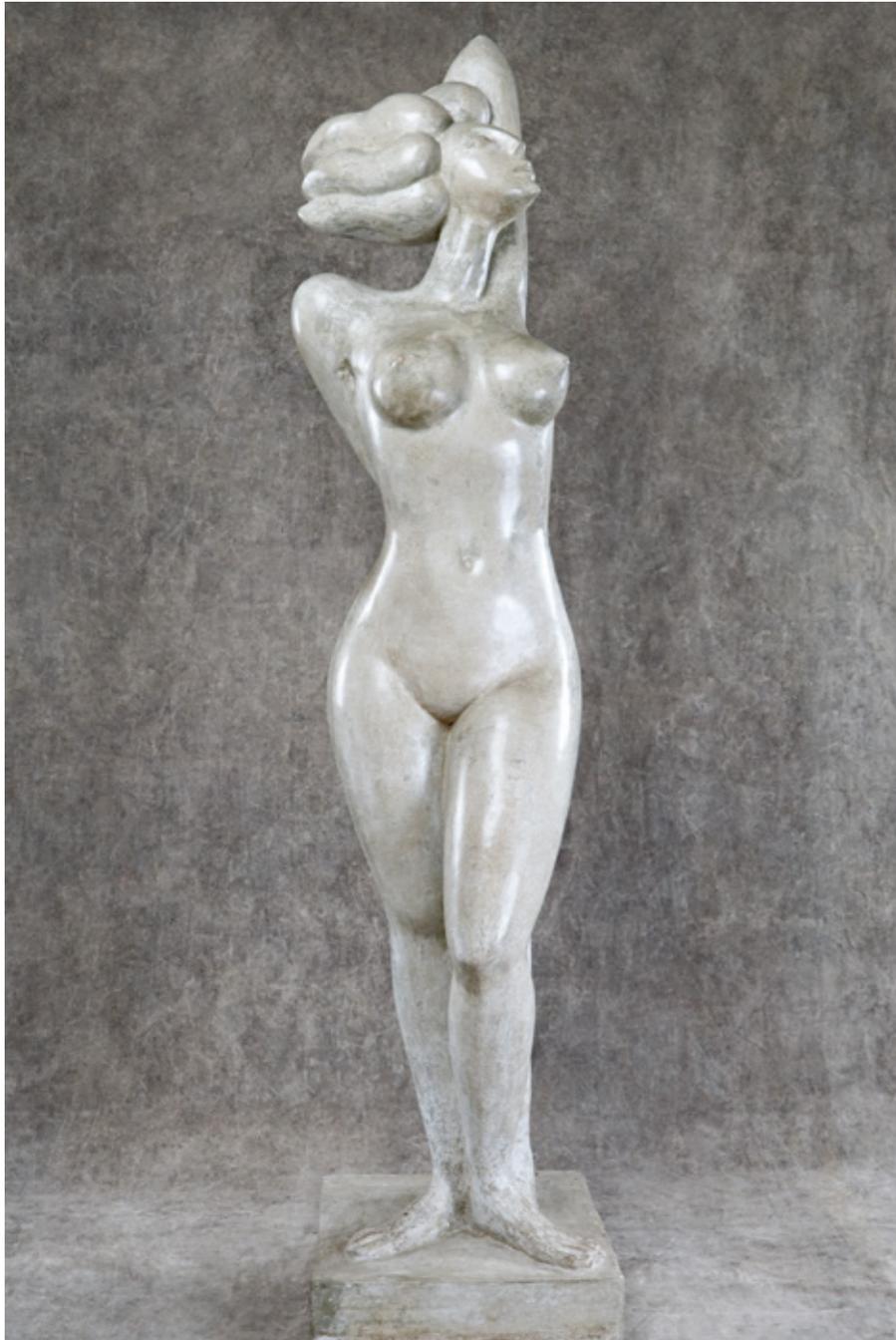
In the oeuvre of the painter, photographer, draftsman, and set designer from Pernambuco, who exhibited at various editions of the Bienal de São Paulo, the influence of art deco and modernism meets the fascination with the multiethnic manifestations of Brazilian northeastern popular culture—from *bumba meu boi* to *maracatu*, from candomblé to indigenous rituals—observed during his travels through the interior of Pernambuco State. From the vast and restless production of Lula Cardoso Ayres, Joana Lira culls graphic solutions marked by their synthetic character as an inspiration for the colorful and monumental collection of Pierrots, Columbines, *maracatus*, and dancers that revel in the carnivalesque scenery. Revived and multiplied, the masks that the artist painted in the 1940s to decorate the Carnival balls of Clube Internacional do Recife impart a vintage air to the celebration, bringing this and former carnivals closer.











ABELARDO DA HORA
Mulher de pé 1, 1983
Cimento polido
210 X 65 X 70 cm
Instituto Abelardo da Hora /
Thomas Baccaro

2008

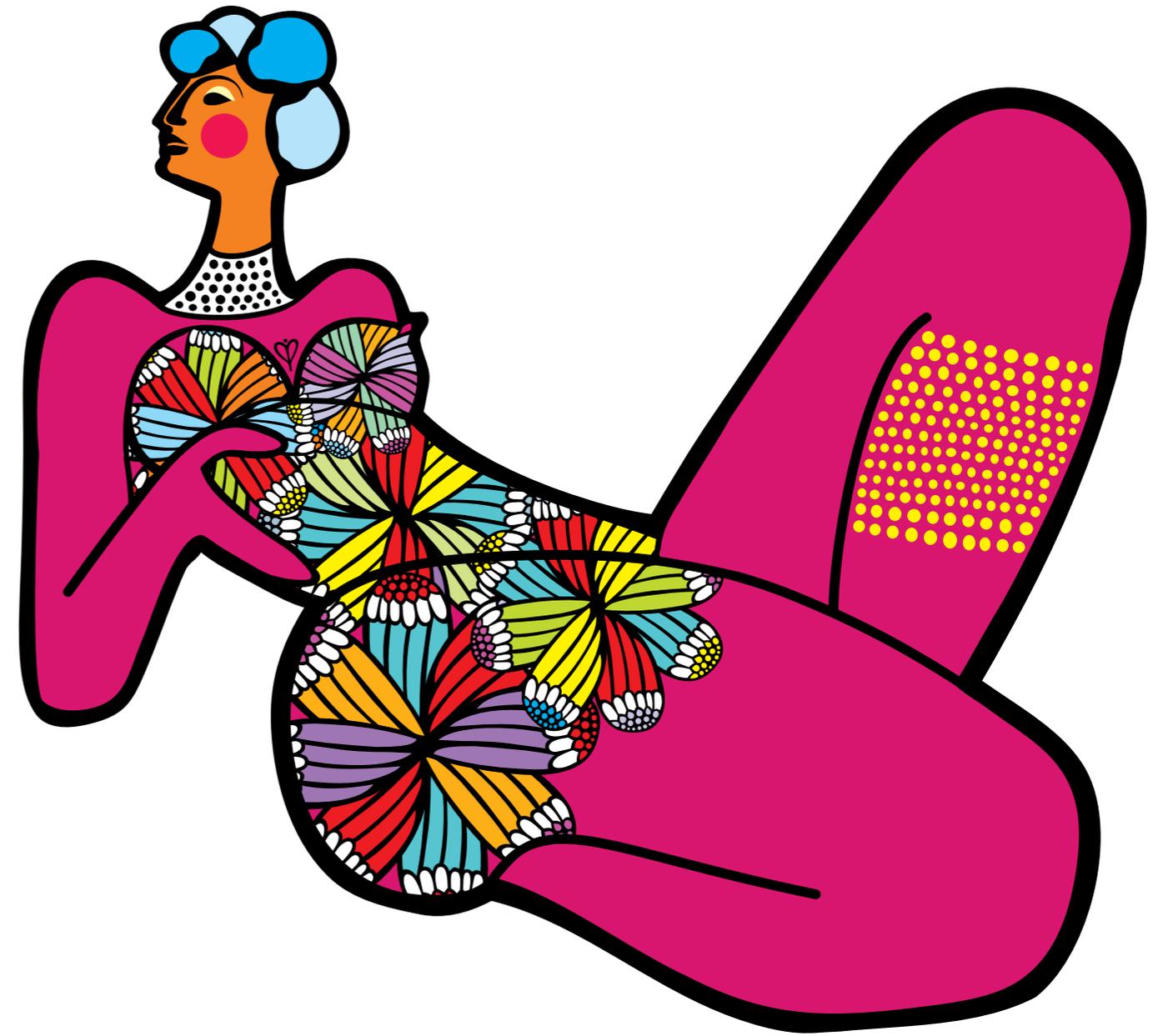
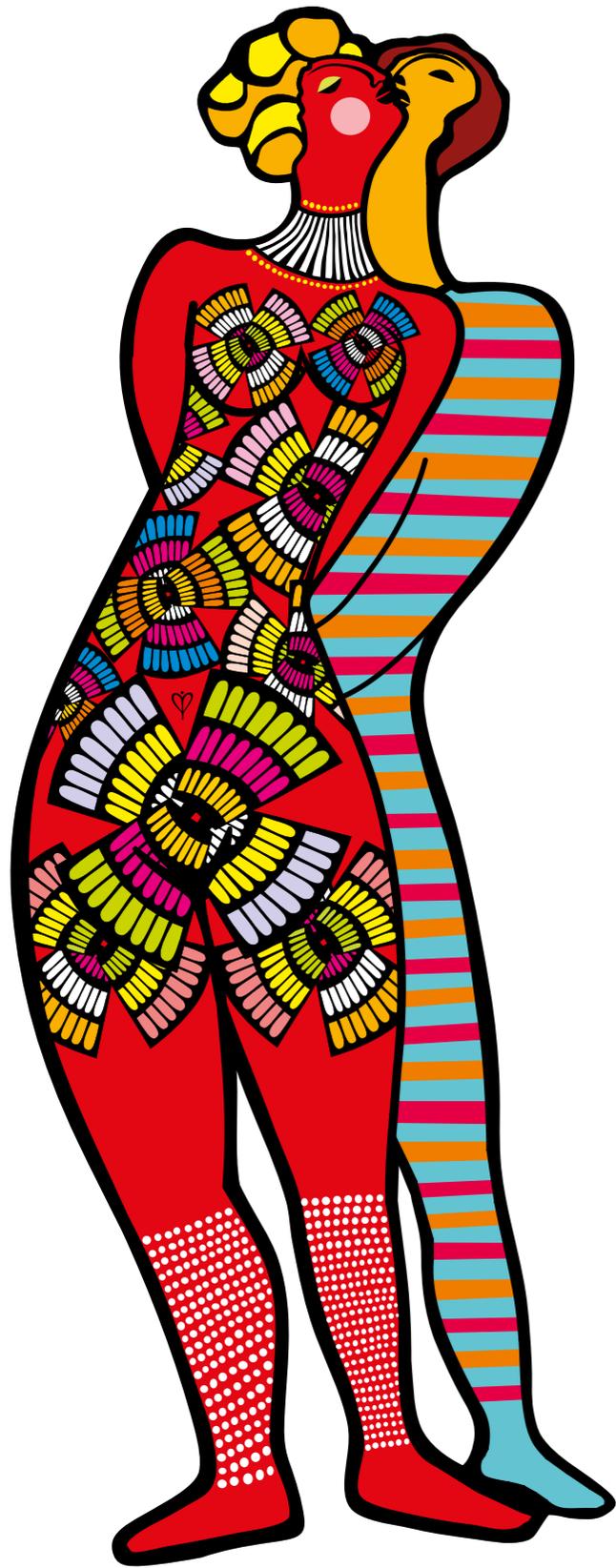
ABELARDO DA HORA

[1924-2014]

Escultor, gravador e ceramista de São Lourenço da Mata (PE), foi aluno da Escola de Belas Artes de Pernambuco, construindo um corpo de obra alinhado ao modernismo tardio e fortemente pautado pela temática social. Fundador da Sociedade de Arte Moderna do Recife, em 1948, de agências ligadas à valorização da cultura popular, e do Ateliê Coletivo (1952-1957), com Gilvan Samico, José Cláudio e Aloisio Magalhães, ajudou a modernizar o panorama artístico pernambucano. A presença marcante das mulheres de Abelardo, esculturas sinuosas espalhadas pelo Recife, impressiona Joana Lira desde a infância. Aqui, ela se apropria de suas formas e aplica sobre elas as estampas caleidoscópicas que cria reproduzindo elementos relacionados à mesma cultura. O procedimento se estende aos tipos do artista que se inspiram na cerâmica popular nordestina: piruliteiro, boiadeiro, violeiro, maracatus, caboclos de lança.

A sculptor, engraver, and ceramist from São Lourenço da Mata (PE), he attended Pernambuco fine arts school, producing a body of work aligned to late modernism and heavily influenced by social themes. A founder of Recife modern art society, among other institutions linked to the appreciation of popular culture, and of Ateliê Coletivo (1952-1957), alongside Gilvan Samico, José Cláudio, and Aloisio Magalhães, he made a great contribution to the modernizing of the local art scene. The striking presence of Hora's women, sinuous sculptures scattered throughout Recife, has impressed Joana Lira since childhood. Here, she takes his forms and applies to them kaleidoscopic patterns she creates by reproducing elements related to the same culture. The process is extended to the artist's figures inspired by northeastern popular clay figurines: lollipop vendor, cattle drover, fiddle player, *maracatus*, *caboclos de lança*.











CÍCERO DIAS
Lirismo, 1983
Lithograph on Arches paper,
Atelier Pierre Badey
63 x 97 cm

2009

CÍCERO DIAS [1907-2003]

Um dos principais expoentes do modernismo brasileiro, foi pintor, gravador e desenhista. Próximo de Matisse, Léger e Picasso, integrou o movimento regionalista de 1926, resposta do Recife à Semana de Arte Moderna de 1922, e criou para a Secretaria das Finanças do Estado de Pernambuco o primeiro mural abstracionista da América Latina. Seu universo onírico pode ser relacionado ao surrealismo e ao imaginário fantástico nordestino. A cenografia desenvolvida por Joana Lira explora sobretudo a fase figurativa do artista. Usando como partido as diferenças de escala que o pintor utiliza para distinguir objeto e fundo em suas composições, a designer constrói alegorias trabalhadas em mais de um plano, e que brincam com a força narrativa da relação entre personagem e paisagem.

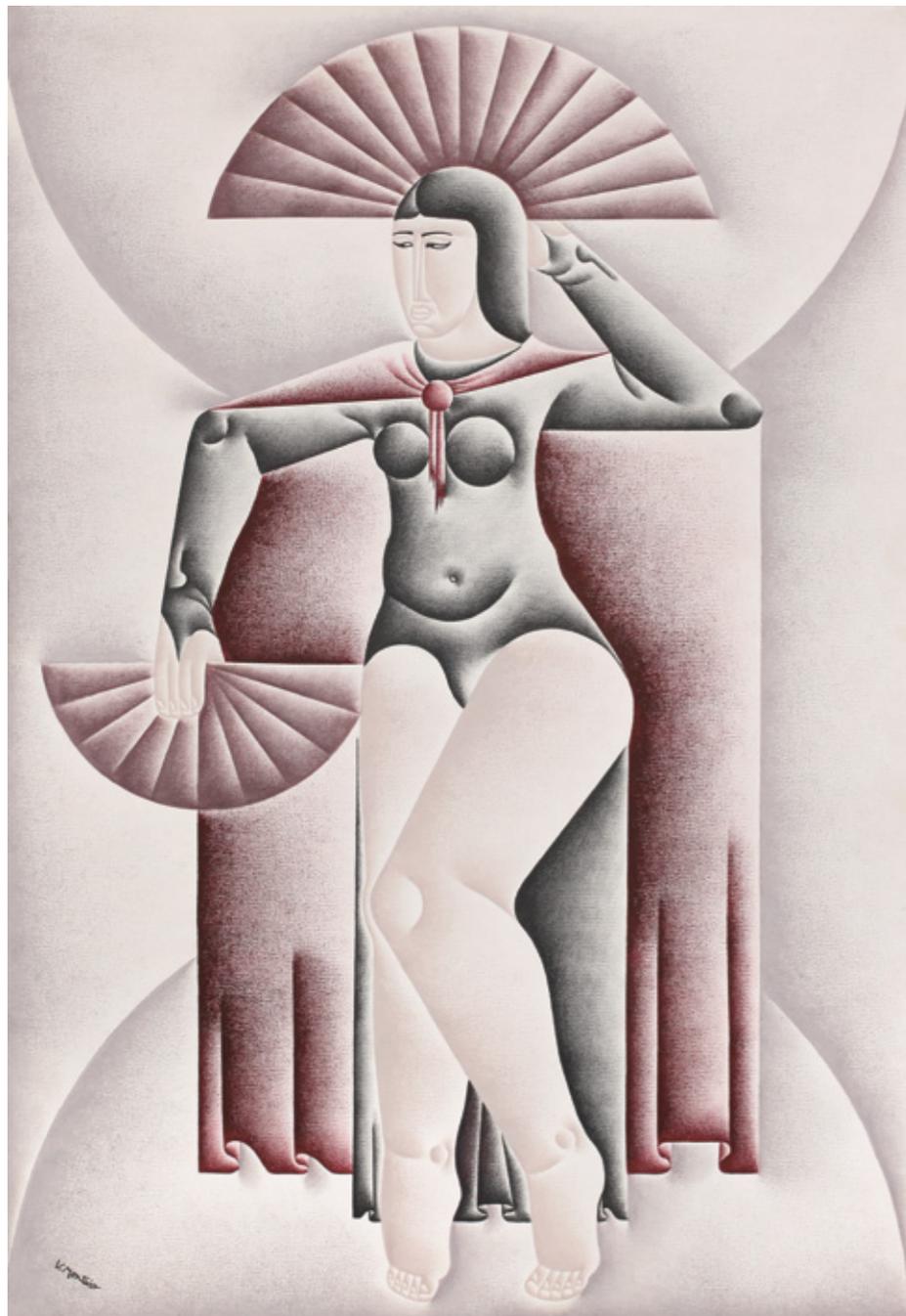
One of the leading exponents of Brazilian modernism, he was a painter, engraver, and draftsman. Close to Matisse, Léger, and Picasso, he took part in the regionalist movement of 1926, Recife's response to the Modern Art Week of 1922, and created the first abstractionist mural in Latin America, for the Pernambuco State Department of Finance. His oniric world can be linked to surrealism and northeastern collective fantasy. The scenic design developed by Joana Lira explores above all the artist's figurative phase. Drawing on the differences of scale the painter uses to distinguish object and background in his compositions, the designer conceives multilevel sets that toy with the narrative force of the relationship between character and landscape.











VICENTE DO REGO MONTEIRO

Sem título | Untitled, c. 1960

Acrílica sobre tela

Acrylic paint on canvas

110 x 76 cm

Coleção particular

Private collection

Curitiba

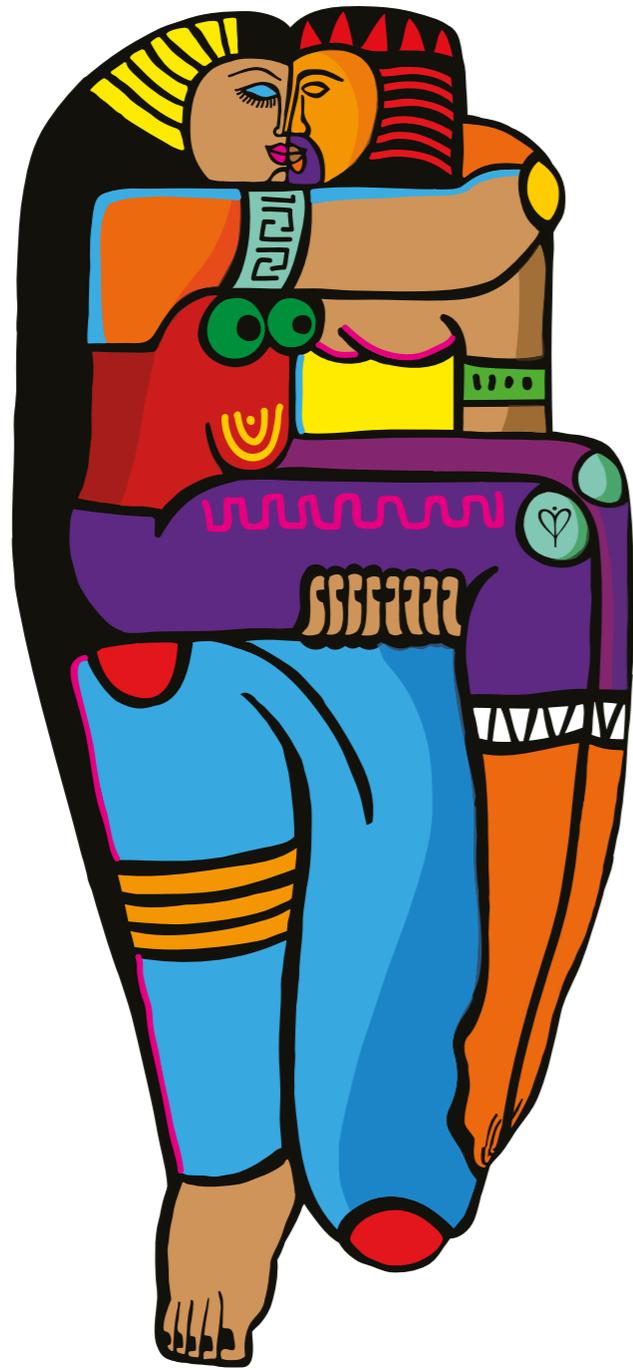
2010

**VICENTE DO
REGO MONTEIRO**

[1899-1970]

Nascido no Recife, forma-se no Rio de Janeiro e na França, onde se aproxima de Modigliani, Léger e Braque. A convite do crítico Ronald de Carvalho, participa da Semana de Arte Moderna de 1922. O interesse pela cultura amazônica, em particular pela arte marajoara – que estuda, nos anos 1920, nas coleções do Museu Nacional da Quinta da Boa Vista – influenciaria boa parte de sua produção como escultor, pintor e artista gráfico, caracterizada pela figuração geométrica, a estilização, a aparência plástica de relevo e a gama cromática reduzida. Em seu Carnaval, Joana Lira aprofunda essa revisitação da estética de raiz amazônica do artista ao fundi-la às cores elétricas e figuras voluptuosas das festas de aparelhagem de Belém (PA), que a encantam, na época.

Born in Recife, he studies in Rio de Janeiro and in France, where he becomes close to Modigliani, Léger, and Braque. At the invitation of the critic Ronald de Carvalho, he takes part in the Modern Art Week of 1922. His interest in Amazonian culture, especially Marajoara art—which he studies in the 1920s in the collections of the Museu Nacional da Quinta da Boa Vista—would significantly influence his work as sculptor, painter, and graphic artist, characterized by geometric figuration, stylization, the plastic look of relief, and reduced color gamut. In her Carnaval, Joana Lira delves deeper into the artist's Amazonian-based aesthetics by merging it with the electric colors and voluptuous figures of the techno parties of Belém (PA), which delight her at the time.











TEREZA COSTA RÊGO
Bairro do Recife nº 1, 1992
Acrílica sobre madeira
Acrylic paint on wood
220 X 160 cm
Acervo da artista
Artist's collection

2011

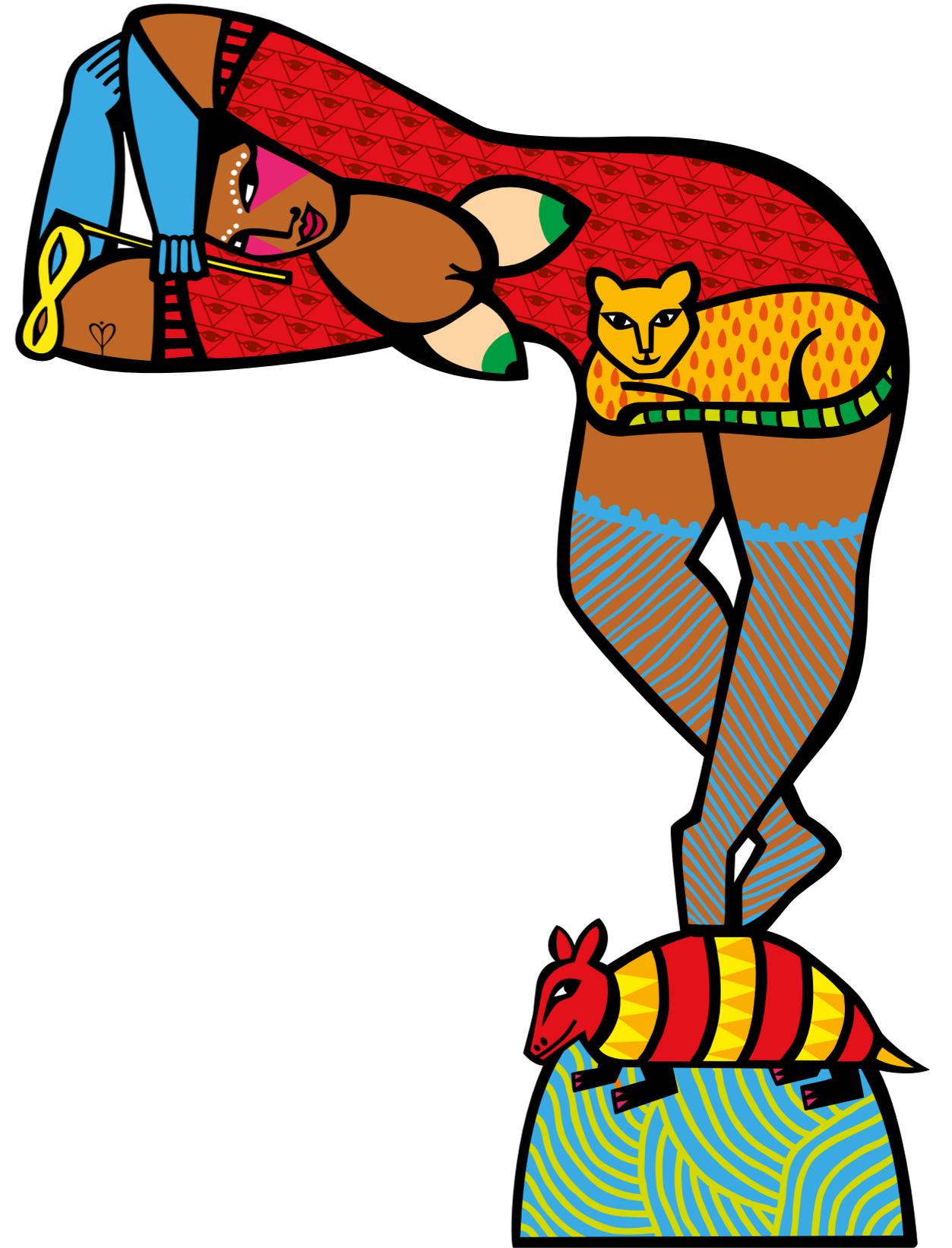
TEREZA COSTA RÊGO

[1929-]

Filha de uma família aristocrática de Recife e pintora desde a adolescência, a artista escandalizou a sociedade local ao trocar marido e filhos por uma paixão arrebatadora pelo líder comunista Diógenes Arruda, nos anos 1960. Vivendo na clandestinidade e no exílio, adensou sua obra, marcada pelas cores quentes, a mistura de sagrado e profano e a sensualidade feminina, sobretudo em séries que retratam os bordéis do Recife antigo. Até mais que sua produção, são a vitalidade e a fortaleza de Tereza que inspiram a cenografia de Joana Lira. O corpo feminino sensualizado está no centro do projeto, e a artista gráfica vai buscar no balé do russo Vaslav Nijinsky referências para expandir seu repertório de movimentos. O processo criativo incorpora personagens como o Homem da Meia-Noite, alusão ao amor de Tereza por Olinda, onde vive.

Born into an aristocratic family from Recife and a painter from adolescence, the artist shocked local society by leaving her husband and children to live a passionate affair with the communist leader Diógenes Arruda in the 1960s. Leading a clandestine and exiled life, she enhanced her work, marked by warm colors, the mixture of sacred and profane, and female sensuality, especially in series portraying the brothels of old Recife. Over and above her work, it is Rêgo's vitality and vigor that inspire Joana Lira's sets. The sensuous female body lies at the core of the design and the graphic artist draws on the ballet of the Russian dancer Vaslav Nijinsky to expand her repertoire of movements. The creative process incorporates characters such as Homem da Meia-Noite (Midnight Man), an allusion to Rêgo's love for Olinda, where she lives.









MULHER

Ao ressaltar o tema da mulher, que percorre toda a sua obra, a artista brinca um Carnaval tipicamente pernambucano. O feminino está no coração da festa. Na ialorixá que carrega a ancestralidade das religiões de matriz africana, nos terreiros dos maracatus nação. Na costureira que perpetua a tradição intrincada das golas dos caboclos de lança. Na fantasia da freira safada, na caboclinha de peitos de fora, na foliã de calça apertada. Na mulher contemporânea, que se transforma e se multiplica em muitas, ao viver sua sensualidade, sua força de trabalho, seu papel central na família e na comunidade. Nobres, sagradas ou donas do próprio corpo e do próprio desejo, elas brincam e resistem: no bafo do Carnaval, afirmam suas raízes, sua sexualidade, sua voz.

W O M A N

By highlighting the theme of woman, which runs through her entire oeuvre, the artist celebrates a typical Pernambuco Carnival. The feminine is at the heart of the festivity. In the priestess *ialorixá*, who bears the ancestry of religions of African origin, in the ceremonial yards of the *maracatu nação* groups. In the seamstress that preserves the intricate tradition of the collars of the *caboclos de lança*. In the naughty nun costume, in the topless *caboclinha*, in the reveler in tight-fitting pants. In contemporary women, who transform and multiply themselves while living out their sensuality, their work potential, their crucial role in the family and in the community. Noble, sacred, or mistresses of their own bodies and desires, they revel and resist: in the heat of Carnival, they assert their roots, their sexuality, their voice.









MULHER

(s.f.) indivíduo do sexo feminino, considerado do ponto de vista das características biológicas, do aspecto ou forma corporal; o ser humano feminino, considerado em conjunto, ideal ou concretamente.

WOMAN (noun) An adult human female, considered from the point of view of biological characteristics and body appearance or shape; the female human being, considered in general, ideally or concretely.

LIBERDADE

(s.f.) Do latim *libertas,ātis*, condição de pessoa livre. 1. possibilidade do indivíduo de exprimir-se de acordo com sua vontade, sua consciência, sua natureza. 2. estado daquilo que está solto, sem empecilho que tolha seus movimentos. 3. capacidade individual de optar com autonomia para realizar sua plena autodeterminação e organizar o mundo que o cerca.

FREEDOM (noun) The condition of a free person. 1. The possibility of the individual to express oneself according to one's will, one's conscience, one's nature. 2. The state of that which is loose, with no hindrance to its movements. 3. Individual ability to choose with autonomy to realize one's full self-determination and organize the world around one.







MANIFESTAÇÃO

Para conquistar a escala das ruas, as figuras traçadas por Joana Lira viram estruturas de dimensões monumentais. Mediando espacialidades em plena festa, suas rainhas, passistas, caboclos e foliões produzem uma interlocução alegre e harmoniosa com aqueles que fazem a festa acontecer. Saem do suporte, desfilam, dançam, passam em cortejo. Reflexo agigantado, apropriado e reinventado de identidades étnicas, expressões culturais e tradições carnavalescas, elas engrossam o caldo da transgressão social festiva que ferve ao som de todos os ritmos, criando o molde de um mundo diferente daquele em que vivemos.

MANIFESTATION

To live up to the scale of the streets, the figures designed by Joana Lira become structures of monumental dimensions. Mediating spacialities amidst the celebration, her queens, dancers, *caboclos*, and revelers produce a joyful and harmonious interlocution with those who make the celebration happen. They leave their supporting structures to parade, dance, follow processions. A gigantic, appropriated, and reinvented reflection of ethnic identities, cultural expressions, and carnivalesque traditions, they add to the festive caldron of social transgression that bubbles to the sound of all rhythms, creating the template of a different world from our own.







MANIFESTAÇÃO

(s.f.) ação ou efeito de manifestar-se.

1. ato de dar a conhecer, de revelar (pensamento, ideia); expressão, revelação.
2. ato de exprimir-se, pronunciar-se publicamente.
3. conjunto de pessoas que se reúnem em lugar público para defender ou tornar conhecidos seus pontos de vista.

MANIFESTATION (noun) Action or effect of manifesting oneself. 1. The act of making known, of revealing (thought, idea); expression, revelation. 2. The act of expressing oneself, of speaking out publicly. 3. A group of people who meet in a public space to defend or make known their views.

FANTASIA

(s.f.) 1. faculdade de imaginar, de criar pela imaginação. 2. obra criada pela imaginação. 3. coisa puramente ideal ou ficcional, sem ligação estreita e imediata com a realidade. 4. vestimenta que reproduz o modelo de culturas ou de épocas diversas, ou que representa objetos, ideias, figuras históricas, imaginárias etc., em certos rituais e festividades, p. ex. Carnaval.

FANTASY (noun) 1. Faculty of imagining, of creating by imagination. 2. Work created by the imagination. 3. A purely ideal or fictional thing, with no close and immediate connection with reality.





TRANSCENDÊNCIA

Síntese de sonoridades, traços, cores, vidas, o Carnaval é transe, euforia compartilhada no calor de uma multidão que dança e sua. Quem brinca deixa o próprio corpo para viver um personagem, ou vice-versa? O convite, aqui, é misturar-se a essa miríade de formas, sons e brilhos e sentir vibrar a magia dessa festa. Recriar-se, agitar-se, viver a liberdade de se perder e se achar. Experimentar um tempo suspenso, de apenas ser, de ficar no hoje, no agora. Entregar-se a um percurso que se torna inconsciente, sentir-se nômade, estar à deriva. No êxtase de um brincar que transcende a ordem e revoga interditos, sentir o calor de um caldeirão que transborda pertencimento e liberdade. Esperar o Carnaval chegar para sair com um novo personagem.

TRANSCENDENCE

A synthesis of sonorities, features, colors, lives, Carnival is trance, euphoria shared in the heat of a dancing and sweating multitude. Do the revelers leave their own bodies to play a character or vice versa? The invitation here is to merge with this myriad of shapes, sounds, and glows and feel the vibrating magic of this celebration. To recreate oneself, to excite oneself, to live out the freedom of losing and finding oneself. To experience a suspension of time, of merely being, of lingering in the here and now. To surrender to a path that makes one unconscious, to feel nomadic, to be adrift. In the ecstasy of a celebration that transcends order and repeals interdictions, to feel the heat of a melting pot that overflows with belonging and freedom. To look forward to Carnival and a new impersonation.

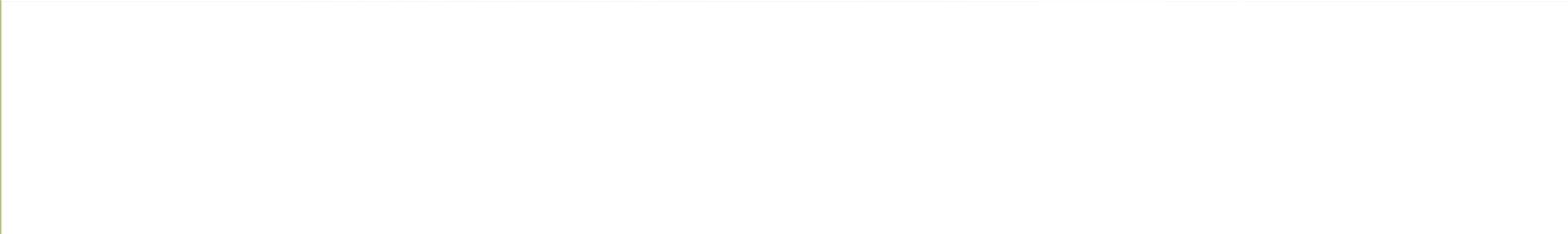




TRANSCENDÊNCIA

(s.f.) 1. caráter do que é transcendente.
2. na tradição metafísica, caráter inerente a um princípio ou ser divino que ultrapassa radicalmente a realidade sensível.
3. ação por meio da qual a existência humana ultrapassa sua realidade imediata, alcançando o mundo objetivo, a temporalidade inaparente e a liberdade.

TRANSCENDENCE (noun) 1. The trait of that which is transcendent. 2. In the metaphysical tradition, a trait inherent to a divine principle or being that dramatically surpasses sensitive reality. 3. An action by which human existence surpasses its immediate reality, reaching the objective world, unapparent temporality, and freedom.



**WHEN LIFE IS
EUPHORIA**
FLAIRA FERRO

I am a beam of light
a spirit that traverses the bodies
in time and space
I am the history that manifests itself
in the emerging vibration
I am a dot on the map of planet Earth
and flow like the waters of a river
through a city that seethes in February

Now I am human, now I am beast
Now I am heaven, now I am hell
Now I am black, white
blue, or yellow
Old, young
Straight, crooked
I take on all forms of matter
and expression that nature
can build up

I am man, I am woman.
I am river, I am tide
Wood, I am cement
Euphoria and lament

I am bear, lion, and eagle
I am earth, ground, and water
I am plant and glitter
The girl's shadow

Parasol, capoeira
Laughter and foolishness
Sarcasm, militancy
Revolt, hope
A passing cloud

The buildings, constructions
Mandalas, meetings
Of a people that rise
Of a wolf that strikes
Of the blood that boils in me
Of the face and the needle

My cotton teeth,
my bird's beak
I am a faint wind
I am a hurricane

And so I become
Dance, painting, and exhibition
I am the reveler's spirit
I am the rotating earth
In a constant movement of transmutation

To carnivalize!
My body is the feast!
I am the feast!
Life is a feast!
And all else is just the break
Between one feast and another

Woe to he who tries to reduce
To words and carbon dioxide
That which only the feast-mania body
That which only the body mani-feasts!

FLAIRA FERRO
is a singer, songwriter, and dancer.

**Quando a vida
é uma euforia**

FLAIRA FERRO

Sou um feixe de luz
um espírito que perpassa os corpos
pelo tempo e pelo espaço
Sou a história que se manifesta
na vibração que emerge
Sou um ponto no mapa do planeta Terra
e transito como as águas de um rio
numa cidade que em fevereiro ferve

Viro gente, viro bicho
Viro céu, viro inferno
Viro preto, branco
azul ou amarelo
Velho, novo
Reto, torto
Viro todas as formas de matéria
e expressão que a natureza
é capaz de agregar

Sou homem, sou mulher
Sou rio, sou maré
Madeira, sou cimento
Euforia e lamento

Sou urso, leão e águia
Sou terra, chão e água
Sou planta e purpurina
A sombra da menina

Sombrinha, capoeira
O riso e a bobeira
Sarcasmo, militância
Revolta, esperança
Uma nuvem passageira

Os prédios, construções
Mandalas, reuniões
De um povo que se ergue
De um lobo que derruba
Do sangue que em mim ferve
Do rosto e da agulha

Meus dentes de algodão,
nariz de passarinho
Eu sou vento pequeno
Eu sou um furacão

E assim me transformo
Viro dança, pintura e exposição
Sou o espírito do folião
Sou a terra em rotação
Em movimento constante de transmutação

Carnavalizar!
Meu corpo é a festa!
Eu sou a festa!
A vida é uma festa!
E todo resto é apenas o intervalo
Entre uma festa e outra

Ai daquele que tentar reduzir
Em palavras e gás carbônico
Aquilo que só o corpo mania-de-festa
Aquilo que só o corpo mani-festa!

FLAIRA FERRO
é cantora, compositora e dançarina.



A vivacidade da cultura popular brasileira inspira a produção multifacetada da artista e designer **Joana Lira**. Tendo por base primordial o desenho, sua pesquisa iconográfica deságua em uma miríade de objetos, utensílios, estampas, ilustrações, esculturas e cenografias urbanas. Independentemente de forma e escala, eles carregam o desejo de proporcionar experiências transformadoras, evocando uma identidade cultural relacionada a sensações de afeto e pertencimento.

Forjada no trânsito livre entre design e artes visuais, sua linguagem deriva do convívio intenso com a arte e a expressão cultural proporcionado pelos pais, arquitetos, e pela ambiência do Recife, onde nasceu e cresceu. Formada em design gráfico em 1997, a partir de 1999 radica-se em São Paulo e pesquisa suportes diversos, da cerâmica ao meio digital, em projetos artísticos alimentados por referências que vêm tanto da história da arte e da cultura pernambucana quanto de seus interesses cotidianos, a exemplo da cenografia do Carnaval de Recife. Desenvolve, a convite de grandes empresas, identidades visuais, linhas de objetos e estampas assinadas, entre outros projetos, sempre buscando um design do envolvimento, capaz de agregar valor cultural, histórico e sentimental à forma e à utilidade.

Antes de *Quando a vida é uma euforia*, seus trabalhos foram vistos em exposições individuais como *Quando tudo explode*, com curadoria de Diego Matos (Sesc Santo André, 2017), e *Bichos Alopados* (Recife, 1997), em coletivas referenciais como *Design Brasileiro Hoje: Fronteiras* (MAM-SP, 2010) e *Design para Todos* (5ª Bienal Brasileira de Design, Florianópolis, 2015), e em mostras sobre design brasileiro e ibero-americano na Alemanha, China, Bélgica e Espanha. Foi premiada na 11ª Bienal Brasileira de Design Gráfico (2015) e com o Pearl Award do The Content Council, entidade norte-americana voltada a conteúdos customizados (2009).

Joana Lira vive e trabalha em São Paulo.

The liveliness of Brazilian folk culture is the inspiration for artist and designer Joana Lira's multifaceted output. With drawing as a primary base, her iconographic research leads to multiple objects, utensils, prints, illustrations, sculptures, and urban scenography projects. Irrespective of form or scale, her work conveys a desire to being about life-changing experiences, evoking a cultural identity associated with a sense of affection and belonging.

Her language, forged in the shared space of design and the visual arts stems from intense experience with arts and the cultural expression enabled by her architect parents and the environment of Recife, where she was born and raised. Lira earned a bachelor's degree in graphic design in 1997 and has been based in São Paulo since 1999, researching different supports, from pottery to digital media, in art projects that drink from the wellsprings of Pernambuco arts and culture history and of her everyday experiences, as the scenography for the Carnival of Recife. In addition, by invitation from major companies, she develops visual identities, lines of merchandise, and authorial prints, to name just a few categories, in constant pursuit of an engaging design capable of adding cultural, historic, and sentimental value to form and utility.

Before *When Life Is Euphoria*, her work has been on display in solo shows such as *Quando tudo explode*, curated by Diego Matos (Sesc Santo André, 2017), and *Bichos Alopados* (Recife, 1997). It has also been featured in leading group shows such as *Design Brasileiro Hoje: Fronteiras* (MAM-SP, 2010), and *Design para Todos* (5th Brazilian Design Biennial, Florianópolis, 2015), as well as Brazilian and Latin-American design exhibitions in Germany, China, Belgium, and Spain. She was awarded at the 11th Brazilian Graphic Design Biennial (2015) and won the Pearl Award granted by The Content Council, a US custom-content oriented entity (2009).

Joana Lira lives and works in São Paulo, Brazil.

Quando a vida é uma euforia
Centro Cultural Cais do Sertão, Recife, 2019

Idealização | Concept

Joana Lira e|and Mamé Shimabukuro

Curadoria e direção artística

Curator and artistic director

Mamé Shimabukuro

Produção executiva

Executive producer

Carla Valença | Relicário Produções

Assistência de produção

Assistant producers

Alexandre Sampaio, Gabi Izidoro,

Marina Câmara, Verônica Monte

Pesquisa | Research

Mamé Shimabukuro

Projeto expográfico

Exhibition design

William Zarella, Clarissa Guimarães

Direção musical | Musical director

Maurício Badé

Projeto de iluminação | Light design

Séphora Silva

Luminotécnicos | Lighting technicians

Sandro Moraes, Alexandre Lima

Identidade visual | Visual identity

Elisa von Randow e|and Julia

Masagão

Projeto gráfico | Graphic design

Fernanda Lisboa

Assistente de design

Assistant designer

Helena Lu Xavier

Coordenação editorial

Editorial coordinator

Teté Martinho

Texto | Text

Teté Martinho, Mamé Shimabukuro

Documentação fotográfica

Photographic documentation

Josivan Rodrigues

Registro audiovisual

Video documentation

Matheus Brant

Monitores | Visitor assistants

Dandara Marques, Davi Santos,

Hygor Gonçalves, Jesus Lopes, Maria

Cecília Albuquerque, Mariana Passos

Intérpretes de libras

Libras interpreters

Eloina Nascimento de Paula,

Nathalia Costa, Priscilla Pontes

Alexandre

Construção e montagem

Construction and assembly

Elástica SP Cenografia: Ale Ferreira

(produção | production), Marcus

Binns (3D), Ezequiel José da Silva,

Fábio Santana da Silva

Direção de montagem de

videoinstalação | Video installation

assembly director

VJ Mozart

Cenotécnica | Set construction

Gil Silva, Paulo Henrique dos Santos

Montagem e desmontagem

Assembly and disassembly

Gil Silva, Ivan Amorim e|and Paulo

Henrique dos Santos

Pintura | Painter

Francisco Antonio da Silva

Marcenaria | Carpenters

José Francisco dos Santos e equipe |

and crew

Construção de personagens

Characters assembly

Cromotela

Impressões homenageados

Honored artists prints

Mantis Imagens

Impressão croquis | Sketches prints

Empório da Stampa

Tratamento de imagem croquis

Sketches retouch

Fábio Martins

Assessoria de imprensa | Press agents

Ana Garcia (Coda Produções),

Maurício Spinelli (Rabixco

Comunicação), Danilo Mensil

Mídias sociais | Social media

Phelipe Rodrigues

Consultoria de texto curatorial

Curatorial text consultant

Felipe Molitor

Seguro | Insurance

Affinite Corretora de Seguros

Transporte | Transport

Set Net Express, Sr. Cordeiro

Audiodescrição | Audio description

Com Acessibilidade Comunicacional:

Liliana Tavares (roteiro, narração

| script, voice), Thais Lima (roteiro |

script), Michele Alheiros (consultoria |

consultant), Muzak (edição de áudio |

audio editor)

Quando a vida é uma euforia
Instituto Tomie Ohtake,
São Paulo, 2018

Idealização | Concept

Joana Lira e|and Mamé Shimabukuro

Curadoria e direção artística

Curator and artistic director

Mamé Shimabukuro

Produção executiva e gestão de

projeto | Executive producer and

project manager

Veridiana Aleixo

Assistência de produção e gestão

financeira | Assistant producer and

financial manager

Nataly Aquino

Projeto expográfico

Exhibition design

William Zarella

Construção e montagem

Construction and assembly

Elástica SP Cenografia: Ale Ferreira

(produção | production), Marcus

Binns (3D)

Cenotécnicos | Set construction

Ezequiel Silva, Francisco Xavier, Cau

Camargo, Gabriel Mayumã, André

Amigão, Juan Filho

Projeto de iluminação | Light design

Marcos Cicerone

Consultoria, produção de

artemídia e animação personagens

Consultants, media art production,

and character animation

Estúdio Laborg

Identidade visual e projeto gráfico

Visual identity and design

Elisa von Randow e|and Julia Masagão

Assistente de design

Assistant designer

Matheus Sakita

Direção musical | Musical director

Maurício Badé

Som | Sound technician

Lucio Flavio

Equipamentos audiovisuais

Audiovisual equipment

ON Projeções, JLF Home Theater

Assessoria de imprensa | Press agents

Pool de Comunicação

Jornalista | Journalist

Felipe Molitor

Monitores | Visitor assistants

Educativo Tomie Ohtake

Registro audiovisual

Video documentation

Chromatik



Quando a vida é uma euforia

Filmes | Films

PERTENCIMENTO, 2018 **Idealização e conteúdo**

Concept and content
Joana Lira eJand Mamé
Shimabukuro

Trilha sonora

Soundtrack
André Abujamra

Animações | Animation

Helder Santos

Entrevistas | Interviews

Mamé Shimabukuro

Produção e captação de imagens

Production and cinematography
(Pernambuco)

Consuelo Cruz, Rafael de Oliveira
Limeira Borges, Moacir Casimiro,
Victor Giovanni

Roteiro | Screenwriter

Letícia Simões

Edição | Editor

Vitor Lopes

Assistente de edição

Assistant editor

Paola Penna

Fotografias | Photographs

Bárbara Wagner, Beto Figueroa,
Josivan Rodrigues, Lia Lubambo,
Tiago Lubambo, Raul Kawamura,
Xirumba, Coleção Katarina
Real, Acervo Fundação Joaquim
Nabuco, Ministério da Educação,
Acervo Projeto Lambe Lambe

Direção | Directors

Eduardo Barcellos, Mamé
Shimabukuro

OLINDA, 2015

Fotografia | Cinematography

Dado Carlin

Assistente | Assistant

Jones Kiwara

Produção | Producer

Lorena Albuquerque

Direção | Directors

Ricardo Martensen, Felipe
Tomazelli

Realização | Presented by

L'Occitane au Brésil, Trilha Mídia

MARACATU RURAL ENCHE DE **CORES NAZARÉ DA MATA, 2013**

Direção e fotografia | Director and
cinematographer
Wolfgang Besche

SANTA DO MARACATU, 1980

Roteiro e direção

Screenwriter and director

Fernando Spencer

Direção de fotografia

Cinematography

Carlos Alberto Campos

Vídeos | Videos

Canais YouTube | You Tube
channels: TV Jornal, TV Olinda, TV
Arapuan, Jornal Futura e PE no
Carnaval, Diário de Pernambuco,
TV Viva, mr jofunk, Raffael Ribeiro,
Joe Sacamano

Imagens de | Images of Naná

Vasconcelos

Acervo Patrícia Vasconcelos

Realização | Presented by

Acervo Fundação Joaquim

Nabuco

Ministério da Educação

A LINHA E O PASSO, 2012

Produção | Producers

Elástica Filmes

Direção de fotografia

Cinematography

Pedro Sotero

Produção executiva

Executive producer

Tatiana Toffoli

Direção | Director

Talita Miranda

Realização | Presented by

Sesc SP

CIDADE FANTASIADA, 2018

Imagens | Images

Bárbara Wagner, Beto Figueroa,
Josivan Rodrigues, Lia Lubambo,
Tiago Lubambo, Raul Kawamura

Edição | Editor

Joana Lira

Finalização | Post-production

Estúdio Laborg

POESIA EM CHAMAS, 2018

Edição | Editor

Leandro Ferrari

Finalização | Post-production

Ailton Piui, Rafael Monzilo, Rafael
Hernandes

Direção | Directors

Irmãos Leme

HOMENAGEADOS, 2019

Captação e produção

Cinematographer and producer

Chromatik

Montagem e direção

Editor and director

Lucas Mielnik

Quando a vida é uma euforia

Catálogo | Catalogue

Projeto gráfico | Design

Luciana Fachini

Edição | Organization

Teté Martinho

Textos | Text

Mamé Shimabukuro, Teté Martinho

Designer assistente

Assistant designer

Pedro Alencar

Versão em inglês | English version

Anthony Cleaver

Revisão | Copyproof reader

Regina Stocklen

Imagens | Photos

Vistas da exposição

Exhibition views

PP. 1-20 Centro Cultural Cais do
Sertão, Recife, 2019 © Josivan
Rodrigues

PP. 179-185, 195-214 Instituto
Tomie Ohtake, São Paulo, 2018
© Everton Ballardin

Carnaval de Recife | Carnival in
Recife (2001-2011)

PP. 52-53, 68-69, 70-71, 72-75, 76-
77, 78-79, 80-81, 88, 94-95, 96-97,
104-105, 106-107, 114-115, 116-
117, 124-125, 126-127, 134-135,
136-137, 144-154, 146-147, 160-
161, 162-163, 170-171, 174-175
Bárbara Wagner, Beto Figueroa,
Josivan Rodrigues, Lia Lubambo
eJand Tiago Lubambo

Obras de arte gentilmente cedidas
por | Artworks appear by courtesy of

PP. 57-58 Coleção Bete Paes | Bete
Paes Collection

P. 59 Acervo do artista | Artist's
collection

P. 61 Coleção Carlos Augusto Lira |
Carlos Augusto Lira Collection

P. 88 Acervo da família de Ariano
Suassuna | Ariano Suassuna
family collection

P. 98 Acervo particular Lula
Cardoso Ayres Filho | Lula
Cardoso Ayres Filho private
collection

P. 108 Instituto Abelardo da Hora /
Thomas Baccaro

P. 128 Coleção particular | Private
collection, Curitiba

P. 138 Acervo da artista | Artist's
collection

Foram feitos todos os esforços
para localizar os detentores dos
direitos das imagens usadas neste
livro. Caso note algum conteúdo
que não tenha sido devidamente
creditado, por favor entre em
contato conosco pelo e-mail
contato@relicario.art.br.
Every effort to locate the
copyright owners of all images
used in this book have been
made. If you notice any content
that has not been properly
credited, please contact us at
contato@relicario.art.br.

Agradecimentos | Acknowledgements

Ao longo de oito anos de pesquisa, todos os sentimentos tiveram lugar. Foi preciso juntar pessoas, empresas, grupos e instituições, compartilhar conhecimentos, persistir, confiar no caminho. Cada um foi especial e essencial para a exposição acontecer. Gratidão a essa ciranda de pessoas pelas conversas e portas que abriram. E, claro, parabéns a quem faz o Carnaval de Pernambuco. Chuva de brilho para todos! Agradecemos a: Over eight years of research there was room for all kinds of feelings as we brought together people, businesses, groups and institutions, shared knowledge, persevered and trusted the path taken. Each and every one of them was special and essential for the exhibition to happen. We are grateful to this whirlwind of people for the interaction and opened doors. And of course, congratulations to those who make Pernambuco's Carnival happen. May life shine brightly on all of you! We would like to thank the following people:

Ademir Bueno, Adriana Esteves, Adriana Lyra, Adriana Yazbek, Alexandre Nino, Alexandre Sampaio, Ana Garcia, Ana Luiza Wanderley de Mesquita Saraiva Câmara, Ana Negrini, André Araújo, André Falcão, André Viana, Angelina Harari, Aninha Pedroza, Antonio Camignotto, Antônio Casí, Antonio Cunha, Antônio Mendes, Bárbara Wagner, Beatriz Freire Andrade, Bete Paes, Beth da Mata, Bertille Ferreira, Beto Figueroa, Breno Laprovitera, Bruno Schwambach, Carla Valença, Carlos Augusto Lira, Carolina Acioly, Celine Clermontois Costa, Chiara Grazzini, Chris Marin, Ciema Silva de Mello, Clarissa Guimarães, Claudia Longman, Clayton Shimabukuro Costa, Conceição Wanderley, Consuelo Cruz, Cris Maksoud, Damiana do Rosário, Daniel da Hora, Daniel

Gondim, Daniel Mendes, Daniela Arrais, Daniela Guedes, Danielle Hoover, Dantas Suassuna, Diego Cervino Lopez, Diego Rocha, Diogo Chiaradia, Dora Lira Viana, Douglas Shimabukuro Costa, Dudu Schneider, Edinho, Eduardo Barcellos, Eduardo Lira, Eduardo Vasconcelos, Eliane Hojaij Gouveia, Elisa von Randow, Everton Ballardín, Felipe Arruda, Felipe Molitor, Felipe Tenório, Francisca Damasceno, Franja, Geraldo Júlio, Germana Freire, Ghyslaine Bubrulè, Gilberto Freyre Neto, Guilherme Calheiros, Guilherme Leme, Gustavo Calazans, Gustavo Leme, Gustavo Satou, Helder Santos, Icaro S. Costa, Iolane Tavares, Jessy Greenhut, João Paulo Lima e Silva, João Roberto Peixe, Joaquim Lira Viana, José Teles, Joselita França, Josivan Rodrigues, Julia Masagão, Karina Zapata, Kiko Farkas, Lala K, Laura Himmelstein Capelhuchnik, Lêda Alves, Leonardo Dantas, Leonardo Levorin, Lia Lubambo, Ling Tung Yang, Lino Madureira, Livia Falcão, Lucas Mielnik, Lúcia Helena Shimabukuro, Luciana Facchini, Lúcio Flávio, Luisa Levorin, Luiz Adolpho, Lula Cardoso Ayres Filho, Lula Queiroga, Madeline Lamartine, Maeve Jinkings, Manoela Machado, Manuela Marinho, Marcello Pimentel, Marcia Alvarez, Márcia Souto, Maria Advíncula Neta, Maria Digna Pessoa de Queiroz, Maria Rosa Maia, Mariana Godoy Amazonas, Mariana Lacerda, Marina Câmara, Marisa Borin, Mart'nália, Matheus Brant, Matheus Sakita, Maurício Badé, Melina Martinho, Mestre Nico, Moacir Casimiro, Monica Bouqvar, Naná Karabachian, Patrícia Vasconcelos, Paula Signorelli, Paulo Câmara, Pedro Levorin, Pedro Lira, Pedro Zanni, Pepe Jordão, Petrônio Cunha, Phuong Cac, Plinio Levorin, Priscilla Pacheco, Rafael Trindade, Raffael Ribeiro, Raquel Araruna, Raul

Kawamura, Raul Lody, Régis Dubrule, Renata Castro e Silva, Ricardinho Pessoa de Queiroz, Ricardo Leitão, Ricardo Melo, Ricardo Ohtake, Roberta Rêgo, Roberto Fontelles, Roberto Tavares, Robson Outeiro, Robson S. Costa, Roger de Renor, Rosália Zirpoli, Saritta Falcão, Sharon Hess, Silvia Macedo Levorin, Sueli Sakuno, Tácio Ferraz, Talita Miranda, Tatiana Toffoli, Tereza Costa Rêgo, Teté Martinho, Tiago Lubambo, Tito Fernandes, Toinho Mendes, Veridiana Aleixo, Verônica Monte, Victoria Badong, Virna Lima, Vitória Arruda, Vinicius Sittart Costa, William Zarella, Xirumba Amorim.

E | and Abelardo da Hora Filho, Ariano Suassuna, Cícero Dias, Lula Cardoso Ayres, Naná Vasconcelos, Neyde Levorin, Raimundo Nonato Costa, Vicente do Rêgo Monteiro – *in memoriam*.

Agradecemos também às seguintes empresas, agremiações, órgãos e instituições: We also thank the following companies, groups, agencies and institutions:

Afoxé Omô Nile Ógunjá, BBC Vigilância, Bloco Carnavalesco Eu Acho É Pouco, Branco Papel de Parede, Centro Cultural Cais do Sertão, CEPE, Chromatik, Clube Carnavalesco Homem da Meia-Noite, Coleção Carlos Augusto Lira, Compesa, Copergás, Cromotela, Dalle Piagge, Ekaüt Cervejaria Artesanal, Elos Comunicação, Empetur, Fundação Gilberto Freyre, Fundação Joaquim Nabuco, Fundarpe, Gatas Extraordinárias, Governo de Pernambuco, Grupo Parvi, Instituto Tomie Ohtake, L' Occitane au Brèsil, Ministério da Cultura, Paço do Frevo, Prefeitura do Recife, Sesc SP, Seu Boteco, Tok&Stok, Trilha Mídia, TV Viva de Olinda.

























APOIO INSTITUCIONAL
INSTITUTIONAL SUPPORT



FUNDAÇÃO GILBERTO FREYRE



CAIS DO SERTÃO



APOIO SUPPORT

PATROCÍNIO SPONSORS



CO-PATROCÍNIO CO-SPONSORS



Secretaria de Turismo, Esportes e Lazer



GOVERNO DO ESTADO Pernambuco
AJUNTOS, FAZEMOS MAIS.



REALIZAÇÃO PRESENTED BY

